



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Danielly Cardoso Alves

Em silêncio: Sobre uma cultura que estupra

Florianópolis

2025

Danielly Cardoso Alves

Em silêncio: Sobre uma cultura que estupra

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Disciplina JOR6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Dra. Melina de la Barrera Ayres

Orientador(a): Profa. Dra. Isabel Colucci

Florianópolis

2025

Alves, Danielly Cardoso

Em silêncio : Sobre uma cultura que estupra / Danielly
Cardoso Alves ; orientadora, Isabel Colucci, 2025.

101 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo. 3. Estupro. 4. Reportagem
em áudio. 5. Santa Catarina. I. Colucci, Isabel. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Danielly Cardoso Alves

Em silêncio: Sobre uma cultura que estupra

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado, em 3 de dezembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Isabel Colucci
Orientadora

Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Maria Terezinha da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,

Profa. Dra. Isabel Colucci
Orientadora

Danielly Cardoso Alves
Autora do trabalho

Florianópolis, 2025

Em memória a todas nós que jamais seremos as mesmas. Que nunca esqueçamos: ainda existe uma vida a ser vivida. E não estamos sozinhas.

AGRADECIMENTOS

Eu comecei a escrever aos 15 anos para sobreviver. Não sabia lidar com o peso dos traumas, então descarregava tudo em textos curtos e poemas. Isso me ajudava tanto que passei a buscar livros de outras mulheres que faziam o mesmo e transformavam em palavras aquelas dores que não passavam. Esse momento marcou meu primeiro passo para me aprofundar na violência de gênero e entender o que eu vivi. Estou aqui hoje por causa dessa adolescente tentando sobreviver até o dia seguinte. E pela companhia dessas autoras que me mostravam que não estava sozinha. Sou muito grata a isso.

Aos 16 anos percebi como outras meninas viviam o mesmo que eu já tinha vivido e também não entendiam o que estava acontecendo. Então compreendi a importância da informação e, ao mesmo tempo, como ela não chega a quem mais precisa. Meninas sabem muito pouco sobre gênero ou sexualidade. Sabem menos ainda sobre o próprio corpo ou sobre o que é uma violência sexual. Estamos todas vulneráveis e isso não é coincidência, é intencional. Nessa idade eu ainda não sabia que o jornalismo poderia significar combater exatamente isso. Combater a vulnerabilidade que nasce da falta de informação.

Eu escolhi o jornalismo quando descobri que queria, de qualquer forma que seja, fazer parte desse combate. Longe de mim romantizar o jornalismo aqui, até porque sabemos muito bem as dificuldades relacionadas à profissão. Mas meu foco aqui não é esse, e sim as pequenas magias que, apesar de tudo, ainda existem. Porque, quando tudo parecia cansativo ou difícil demais, foi justamente isso que me fez nunca duvidar da decisão que tomei. Para cada fonte que conheci. Para todas que me agradeceram e me falaram como eu era corajosa, obrigada. Vocês me mostraram como o jornalismo vale sim a pena.

Como pode perceber, a semente desse trabalho já estava na minha vida muito antes do próprio jornalismo. Porém, a razão que me deu a plena certeza que eu precisava produzir o melhor que eu pudesse aqui não tem nada a ver comigo ou com a faculdade. Também está longe de ter relação com alguma visão idealista de salvar o mundo. Esse trabalho foi feito para as minhas irmãs mais novas.

Rafinha e Manu, eu sei que vocês ainda são crianças demais para entender, mas isso tudo é para as duas. Para que cresçam sabendo que não estão sozinhas. Quero que saibam que, não importa o que aconteça, vocês nunca vão precisar

sofrer em silêncio. Vocês podem falar, e vão saber disso porque eu também falei. Vocês podem chorar, e vão saber disso porque eu também chorei. Acima de tudo, quero que saibam que existe uma vida. E vão saber, porque eu vou seguir aqui por vocês. Independente do que aconteceu comigo, ainda fiz tanto. Então não esqueçam que vocês também podem. Espero que vejam este trabalho sabendo que a mana Lelly vai estar sempre aqui tentando melhorar o caminho.

Agora que já sabem o motivo de “Em silêncio” existir, preciso agradecer a todas as pessoas que me trouxeram até aqui. E as primeiras são meus pais. Nunca poderia agradecer o suficiente por tudo que fizeram por mim. Sei que inúmeras vezes passaram dificuldades para que eu pudesse continuar realizando meu sonho de estudar na UFSC. Nem imagino o quanto que trabalharam para que eu estudasse em bons colégios e chegasse até aqui. E eu cheguei.

Obrigada, pai, por se esforçar tanto para que eu tivesse sempre muito mais do que poderia pedir. Por me apoiar incondicionalmente, mesmo quando não fazia ideia do que eu queria fazer ou quando minhas escolhas me levavam para longe. Não poderia ser mais grata a você por ter me amado pelo simples fato de eu ser eu. Seu esforço, sua gentileza e sua capacidade de aprender qualquer coisa com um vídeo no *YouTube* serão sempre metas de quem eu gostaria de ser.

Obrigada, mãe, por me ensinar que eu poderia conseguir qualquer coisa, não importa quem eu era ou de onde vinha. Você é uma das mulheres mais fortes que conheço. Graças a você, aprendi o valor de uma educação de qualidade. Se estou me formando no melhor curso de comunicação do Brasil e em uma federal, é porque você me permitiu sonhar através do seu exemplo. Provavelmente não sabe disso, mas sempre que conto a sua história, tenho muito orgulho.

Quero agradecer também a uma das pessoas mais importantes da minha vida, meu amor Yohan. Te conheço desde que comecei a escrever para sobreviver, ali pelos 15. Mas foi só contigo que aprendi a viver. Quando parecia que a dor não ia passar, você me mostrou que existia um mundo além daquela fase ruim. Por sua causa comecei a escrever sobre amor, felicidade e dias bonitos. O que quando nos conhecemos eu nem imaginava ser possível.

Foi você que ficou acordado comigo nas noites de insônia e me acalmou nas crises. Quem me viciou em sushi e despertou a vontade de conhecer o mundo. Quem me acompanhou nas tardes de trabalho na rádio, nas madrugadas de trabalhos extras para pagar as contas e nas viagens para a apuração. Mesmo sem

ter nada a ver com as reportagens, estava lá carregando câmeras, andando no sol ou na chuva e segurando minha mochila.

Eu não sei como minha vida seria sem você. Mas sei que esses últimos anos na faculdade não teriam sido como foram se não fosse pelas incontáveis vezes em que cheguei exausta em casa e você estava lá, arrumando tudo para que eu ficasse confortável. Muito, muito, muito obrigada por ser quem é. Obrigada por todas as noites em que fiquei até tarde trabalhando, e você me trouxe água, comida, uma coberta, e ficou comigo só esperando eu terminar. Te amar fez tudo mais fácil.

Para as minhas professoras e os meus professores que me levaram até aqui, saibam que nunca vou esquecer de vocês. Não existem ex-professores. Todos os momentos dentro e fora de sala de aula me ensinaram mais do que poderiam imaginar. Espero um dia ser uma professora assim também.

Um agradecimento especial à professora Isabel, minha orientadora do TCC, que me acalmou e aconselhou ao longo desse processo tão delicado. Provavelmente eu teria enlouquecido muito mais se não fossem seus conselhos, sua tranquilidade e a confiança na minha capacidade. Obrigada por confiar em mim mesmo quando eu não confiava.

Outra professora que preciso agradecer é quase como se fosse uma orientadora da faculdade: a professora Valci. Obrigada por me ensinar tanto ao longo desses anos e por me fazer apaixonar pelo jornalismo sonoro. Foi uma honra aprender com uma referência e ter a chance de produzir tantos trabalhos juntas. Agora vou me formar e não pode mais ameaçar me demitir para sempre, mas será sempre minha chefe.

A todos que fizeram parte do meu caminho universitário e profissional nesses últimos anos, também deixo meus agradecimentos. Principalmente para a Raphaela Ferro, que sobreviveu às minhas conversas intermináveis e ainda aceitava me ajudar em todos os trabalhos que eu tinha. Você é uma grande inspiração.

Para fechar, um grande obrigada à família que o jornalismo me deu. Minha panelinha, meu grupo de trabalho e meus amigos. Sofi, Nan, Marcelo, Pedro, Victor e Vitor. O que eu seria sem as piadas ruins de vocês? As tentativas frustradas de marcar um rolê em que todo mundo consegue ir? As risadas infinitas que só melhoram quando estamos juntos? Obrigada por me apoiarem, por cuidarem de mim e por me mostrarem o que há de melhor em uma amizade. Não sei se é do terceiro pra vida, mas, com certeza, meu amor por todos vocês vai ser.

ser uma
mulher
é estar
pronta para a guerra
s a b e n d o
que todas as probabilidades
estão
contra você

— & nunca desistir apesar disso.

(Amanda Lovelace)

RESUMO

O Brasil registrou 83.988 vítimas de estupro e estupro de vulnerável em 2023, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Isso representa em média um estupro a cada seis minutos, um novo recorde no país. Mas o problema vai além do registro, de acordo com o IPEA (2023), o país registra cerca de 822 mil estupros por ano. Porém, apenas 8,5% chegam à polícia e só 4,2% são detectados pelo sistema de saúde. Em Santa Catarina, três cidades do estado entram na lista das 50 cidades do Brasil com mais casos de estupros a cada 100 mil habitantes: Chapecó, Camboriú e Itajaí. Considerando essa realidade, este trabalho apresenta uma grande reportagem em áudio (Ferraretto, 2014), dividida em três episódios, que investiga o cenário da violência sexual no Brasil e em Santa Catarina. A apuração se baseia em vivências de vítimas, na análise de dados sobre crimes sexuais e em entrevistas com especialistas em violência de gênero.

Palavras-chave: Jornalismo. Violência sexual. Estupro. Reportagem em áudio. Santa Catarina.

ABSTRACT

Brazil registered 83,988 victims of rape and rape of a vulnerable person in 2023, according to the Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Brazilian Public Security Forum). This results in an average of one rape every six minutes, a new record in the country. But the issue goes beyond official reports. According to IPEA (2023), Brazil registers around 822,000 rapes per year. However, only 8.5% are reported to the police, and just 4.2% are identified by the healthcare system. In Santa Catarina, three cities in the state appear on the list of the 50 Brazilian cities with the highest number of rape cases per 100,000 inhabitants: Chapecó, Camboriú, and Itajaí. Considering this reality, the main objective of this project is to produce a major audio feature report (Ferraretto, 2014), divided into three episodes, investigating the landscape of sexual violence in Brazil and in Santa Catarina. The reporting process is based on victims' personal experiences, data analysis on sexual crimes, and interviews with experts on gender-based violence.

Keywords: Journalism. Sexual violence. Rape. Audio report. Santa Catarina.

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
SUMÁRIO	12
1 INTRODUÇÃO	13
2 DESENVOLVIMENTO	15
2.1 REFLETIR PARA PRODUZIR	15
2.2 PRÉ-APURAÇÃO	18
2.3 A APURAÇÃO	24
2.4 O ROTEIRO	30
2.5 A EDIÇÃO	32
2.5 DIVULGAÇÃO	36
2.6 RECURSOS	36
3 DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS	38
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE	44
APÊNDICE A - Roteiros	44
Roteiro primeiro episódio “Retrato do estupro no Brasil”	44
Roteiro segundo episódio “A cultura do estupro de Santa Catarina”	60
Roteiro terceiro episódio “Sobre viver o depois”	80
ANEXO	99
ANEXO A – FICHA DE TCC	99
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE	101

1 INTRODUÇÃO

O Brasil vive uma epidemia silenciosa de violência sexual e, embora os dados oficiais apontem a gravidade do cenário, eles não dão conta da dimensão real do problema. Em 2024, segundo o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, foram registradas 87.545 vítimas de estupro e estupro de vulnerável no país, uma média de um caso a cada seis minutos. No entanto, de acordo com uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) realizado no mesmo ano, estima-se que ocorram 822 mil casos de estupro anualmente no país, ou seja, dois por minuto. No entanto, apenas 8,5% desses casos chegam ao conhecimento das autoridades policiais, e apenas 4,2% são identificados pelo sistema de saúde.

Atualmente, o crime de estupro é definido como “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”, segundo o artigo 213 do Código Penal (Brasil, 1988). Existe também o estupro de vulnerável, que, embora compartilhe elementos com o estupro, é um tipo penal distinto, que protege menores e qualquer pessoa incapaz de exteriorizar o seu consentimento. O Atlas da Violência (Ipea, 2025) define a violência sexual como “qualquer ação na qual uma pessoa, valendo-se de sua posição de poder [...] obriga outra pessoa [...] a participar de interações sexuais, com fins de lucro, vingança ou outra intenção”. Isso inclui estupro, abuso, exploração, assédio e práticas não consentidas.

A violência sexual não é um fenômeno novo. Ao longo da história, as legislações e estruturas sociais contribuíram para sua perpetuação, seja pela omissão do Estado, seja por meio de normas que silenciavam ou deslegitimavam as vítimas. No Brasil, o estupro só passou a ser definido como crime contra a dignidade sexual em 2009. Antes disso, era tratado como ofensa aos costumes ou à honra. Até 2005, o agressor ainda podia se livrar da punição ao se casar com a vítima. A legislação, portanto, historicamente mais se ocupou da “reparação” da honra masculina do que da integridade física, emocional e social das mulheres.

Foi diante desse contexto que nasceu a proposta deste trabalho. A escolha do tema não foi motivada apenas por dados estatísticos ou pela urgência social da pauta, mas também por uma vivência pessoal. Fui vítima de estupro mais de uma vez antes mesmo de completar 15 anos. Na primeira vez, eu tinha cinco anos, levei mais de seis anos depois da violência para identificar o que havia acontecido. A

ausência de informação ao longo da minha infância e adolescência reforçou em mim a obrigação de me manter em silêncio, algo que muitas vezes, é imposto às vítimas, seja pelo medo, pela culpa ou pela falta de apoio.

Como jornalista em formação, acredito no poder da informação e na importância de que outras vítimas tenham o conhecimento ao seu lado como uma forma de respaldo. Mais do que denunciar, é necessário escutar com sensibilidade, investigar o que há por trás do crime e tratar o tema com o cuidado que ele exige. Crescer enfrentando em silêncio os traumas dessas violências me fez entender a relevância de abordagens responsáveis sobre o tema.

O objetivo central deste trabalho é produzir uma grande reportagem em áudio, dividida em três episódios, para investigar o cenário da violência sexual no Brasil, com foco no estupro, e compreender como essa violência se sustenta. Para isso, foram estabelecidos objetivos específicos que orientaram toda a apuração: reunir relatos de vítimas, buscar dados atualizados em âmbito nacional e estadual sobre a violência sexual, e entrevistar especialistas em violência, gênero e políticas públicas. Além disso, o projeto também buscou entender como diferentes fatores — legais, culturais, históricos e institucionais — influenciam nesse panorama.

Os três episódios buscam abarcar um panorama inicial do estupro e suas complexidades. O primeiro, “Retrato do estupro no Brasil”, traça o quadro nacional do crime e as principais legislações sobre o tema. O segundo episódio, “A cultura do estupro em Santa Catarina”, explora os fatores estruturais, históricos e simbólicos que normalizam e silenciam esses crimes. O último episódio, “Sobre viver depois”, foca nas consequências da violência para as vítimas, na atuação (ou ausência) do Estado no acompanhamento depois do crime e em como o estupro afeta permanentemente quem o vive.

O formato de grande reportagem em áudio foi escolhido por causa da minha trajetória acadêmica e profissional, que é marcada pela atuação em projetos de jornalismo radiofônico na Rádio Ponto UFSC e nos estágios que fiz também. Além disso, o rádio é uma das mídias com maior capacidade de permanência e reinvenção na história da comunicação. Mais que centenário em sua transmissão via antena e plenamente adaptado às tecnologias digitais por meio das webrádios e dos podcasts, o meio radiofônico demonstra notável flexibilidade frente às transformações do ecossistema midiático contemporâneo (Zimmermann; Zuculoto, 2024; Zuculoto; Bufarah Júnior, 2024).

O meio sonoro é uma forma de apoio, como afirma Ferrareto (2014), e essa é uma característica importante para este trabalho. O autor explica que o rádio se consolidou, historicamente, como um verdadeiro “companheiro do ouvinte”, presente no cotidiano, seja nas metrópoles ou em regiões mais isoladas, o que reforça sua vocação como canal de acolhimento e diálogo. O caráter democrático do rádio reforça ainda mais seu potencial como espaço de escuta. É uma instituição social (Meditich, 2007) que possibilita a produção e emissão de informação de interesse público à sociedade, contribuindo para que esta se movimente na realidade cotidiana.

Neste século XXI de tantas tecnologias e, por vezes, de poucas humanidades, constitui-se por natureza, e cada vez mais, em um instrumento de diálogo, atento às demandas do público e cioso por dizer o que as pessoas necessitam e desejam ouvir em seu dia a dia. Tudo de forma simples, clara, direta e objetiva. (Ferrareto, 2014, p.16)

Ao longo deste relatório, irei explicar como foi o processo de apuração, produção e desenvolvimento do trabalho, detalhando as escolhas feitas em cada etapa, as dúvidas que surgiram no caminho e as soluções encontradas. Também apresento os principais desafios enfrentados e quais aprendizados retirei desse percurso. A intenção é mostrar como essas etapas contribuíram para a construção do produto final e para meu crescimento enquanto jornalista.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 REFLETIR PARA PRODUZIR

Meu primeiro movimento para que este trabalho existisse foi me aprofundar nos estudos de gênero. Ao longo da graduação, e muito antes dela, tive contato com o tema. Porém, na primeira conversa com minha orientadora, no início de 2025, quando já apresentei a intenção de abordar o estupro, ela sugeriu que eu me dedicasse a essas leituras para auxiliar no amadurecimento da proposta e no desenvolvimento da ideia.

Antes de tudo, busquei entender o que é violência. Segundo definição da Agência Patrícia Galvão (2023), a violência consiste em “ações realizadas por indivíduos ou grupos que têm por objetivo a imposição da autoridade sobre outros indivíduos ou grupos”. Essa imposição parte do pressuposto da desigualdade, isto é,

de que uma pessoa ou grupo se julga autorizado a ter mais poder que o outro e age, por meio de instrumentos físicos ou simbólicos, para consolidar essa hierarquia. Assim, toda violência, inclusive a de gênero, é, em última instância, a violação da condição de igualdade entre os indivíduos.

Dentro desse contexto, estudar a categoria gênero torna-se fundamental para analisar a violência contra mulheres. Entendesse que se trata de uma forma de controle social exercido sobre o corpo e a subjetividade das mulheres, legitimado por estruturas simbólicas e institucionais que naturalizam a dominação masculina e a subordinação feminina. Segundo Joan Scott (1995, p. 79), “o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”, sendo, portanto, um eixo organizador da vida social e política. A violência sexual, nesse campo, configura-se como uma de suas expressões mais brutais: o estupro, por exemplo, não é apenas uma agressão ao corpo físico da vítima, mas um ato simbólico de opressão que marca a mulher como território de dominação masculina.

Sociologicamente, “a violência sexual emerge do cenário socioeconômico e político atual, apoiado em valores culturais que reforçam práticas discriminatórias, tais como preconceito relacionado a gênero, a geração e à raça/etnia” (Libório, 2004, p.29). Compreender o estupro como uma violência de gênero exige ultrapassar uma análise centrada apenas no ato criminoso.

No contexto das relações de gênero, o medo desempenha um papel fundamental na manutenção dessa dominação. Como destacam Isabela Dias e Vanessa Cavalcanti (2022), as mulheres sentem mais medo porque desde cedo são ensinadas a temer para se submeter aos homens e porque estão mais expostas à violência sexual. Esse medo constante limita suas ações, mantendo-as afastadas de espaços sociais e reforçando o controle masculino.

As autoras completam ainda que, independente do meio empregado, “as violências são resultado de desigualdades históricas e de poder que mantêm a subordinação [...], mas também de intimidação e de isolamento social.” (Dias; Cavalcanti, 2022, p. 195). Dessa forma, o poder masculino é naturalizado não apenas nas instituições formais, como a justiça, a política ou a segurança pública, mas também nas estruturas sociais e culturais da sociedade.

A partir disso, fica evidente como o período inicial de leitura e aprofundamento teórico foi essencial para a construção deste trabalho. Esse processo me permitiu desenvolver um olhar mais crítico sobre as complexidades

relacionadas ao estupro que eu precisava abordar. Para fortalecer essa base teórica, retomei algumas aulas da disciplina Jornalismo, Identidade, Diversidade e Gênero no curso de Jornalismo da UFSC. O objetivo era ir além das minhas experiências pessoais com o tema e garantir embasamento crítico ao produto que eu pretendia desenvolver, com maior rigor e propriedade na discussão.

A rememoração e o compartilhamento de histórias através do jornalismo funcionam como um jeito de mostrar que o problema é público. Quando a narrativa jornalística une esses relatos com estatísticas e contexto, ajuda a lembrar e dar forma ao que, por muito tempo, foi mantido em silêncio. E reforça também a violência sexual como um crime estrutural, historicamente invisibilizado e subnotificado por causa do tabu e de uma cultura que culpa a vítima (Silva, Dornelas, 2020). Esse é o tipo de narrativa que foquei em construir.

Outra reflexão importante nasceu da leitura que fiz ainda em 2024 do livro *A vida nunca mais será a mesma* da jornalista Adriana Negreiros (2021). A obra me marcou profundamente pelo fato da autora contar a própria história como vítima de estupro. Além disso, a forma que destrincha as mudanças culturais e históricas no Brasil junto com os relatos me inspirou muito. Por isso, quando decidi que também ia trabalhar com essa temática, entrei em contato com a Adriana para marcar uma conversa.

A entrevista aconteceu em julho de 2025, com o objetivo de compreender o processo de produção da obra e buscar referências sobre como abordar. Um dos pontos centrais da conversa foi a decisão de incluir ou não minha própria história no trabalho. Apesar da vulnerabilidade que a exposição pessoal pode gerar, o diálogo me levou a entender que eu não conseguiria contar essa história sem reconhecer que também faço parte dela. Ainda assim, busquei deixar claro que não se tratava de uma narrativa sobre mim, mas sobre um problema coletivo, que atravessa a vida de inúmeras meninas e mulheres.

Então, me colocar nessa pauta foi uma decisão tomada com muito cuidado. Durante toda a graduação debatemos em sala a crítica à objetividade que ignora o fato de que, em tudo, há subjetividade. Mais do que isso, como defende Adelmo Genro Filho (2012), essa imparcialidade é constantemente usada para dar suporte e reproduzir as ideologias dominantes. Então, aqui, também renego essa ilusão. Sem deixar de lado a necessidade de uma mediação qualificada da informação, busco

evitar o uso desse processo como uma reprodução de violências ou estereótipos, segundo Fabiana de Moraes (2022).

Início os exemplos trazendo justamente o peso que a perspectiva da imparcialidade derivada de uma objetividade excludente e racializada tem sobre o mercado profissional, apesar de toda a discussão a respeito do tema. Essa visão, vendida como um alto valor, é repercutida socialmente, fazendo com que toda uma população reverbere e cobra da imprensa justamente essa objetividade mitificada (Moraes, 2022, p. 60).

O uso da experiência em primeira pessoa é inclusive uma característica importante nas ações feministas online. No livro *Feminismos, Mídia e Subjetividades*, as autoras afirmam que “essa identificação com a história de outras mulheres gera um sentimento de que esta não está sozinha”. E nada poderia definir melhor esse trabalho do que querer que quem o escute, saiba que não está sozinha. Elas destacam ainda que *podcasts* feministas também recorrem a essa estratégia, utilizando a força dos relatos pessoais para provocar reflexões “que geram empatia e se desdobram no coletivo” (Oliveira-Cruz; Miguel; Januário, 2022, p. 22).

O jornalista não é um ser a parte da sociedade. Quando apresentamos os problemas que existem nela, também significa que em algum grau essa ideologia está em nós. Exatamente por isso, é necessário refletir antes de pensar em produzir. Conforme Fabiana Moraes (2022):

Na perspectiva de um jornalismo de subjetividade, há a compreensão de que o que está socialmente dado, construído, naturalizado — como o racismo, a transfobia, a xenofobia, o medo do “outro” — está calcado em diferentes graus em todas e todos nós. Não é algo que só pode ser atribuído a um outro, ao externo. Esse entendimento é fundamental para reconhecer que não apenas nos “afetamos” com o mundo de maneira positiva, mas também carregamos os elementos negativos sobre os quais, aqui, relato a crítica à objetividade (Moraes, 2022, p. 104)

2.2 PRÉ-APURAÇÃO

Durante a disciplina de Planejamento de TCC, iniciei a fase de pré-apuração para escolher os recortes da pauta. O processo envolveu uma pesquisa sobre os dados de violência sexual no Brasil e em Santa Catarina. Esse levantamento incluiu a busca e análise de documentos relevantes sobre o tema, como o Atlas da Violência (2024), o Anuário da Segurança Pública (2024; 2025), o site do Observatório da Violência contra a Mulher em Santa Catarina, além de pesquisas

realizadas por instituições como a Agência Patrícia Galvão e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Em Santa Catarina, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública registrou 4.159 casos de estupro e estupro de vulnerável em 2023. O estado aparece entre os estados com maiores taxas de estupro proporcionalmente à população. Inclusive, ocupa a 9ª posição nacional em taxa de estupro por 100 mil habitantes e possui três cidades na lista das 50 cidades do Brasil com mais casos de estupros a cada 100 mil habitantes sendo Chapecó, Camboriú e Itajaí. O município de Chapecó está em 12º lugar e registrou cerca de 82,8 ocorrências a cada 100 mil habitantes. Em seguida está Camboriú (19º) e Itajaí (30º) com 78,6 e 70,1, respectivamente.

A partir do Anuário de Segurança Pública, reuni os dados de estupro registrados em Santa Catarina em uma planilha para facilitar a visualização e comparação entre os anos. O documento não apresentava a separação entre estupro e estupro de vulnerável por estado nos anos de 2019 e 2018, por isso esses períodos não aparecem na tabela final. Também não consegui incluir dados anteriores a esses anos porque o Anuário ainda não fazia esse tipo de registro de forma sistematizada. Essa pesquisa me mostrou como ainda existem lacunas importantes nas estatísticas oficiais, o que acaba dificultando análises mais aprofundadas sobre a violência sexual no estado.

Tabela 1 — Registros de estupros em Santa Catarina

Ano	Estupro	Estupro de vulnerável	Estupro total
2024	1.532	3.358	4.890
2023	1.533	3.587	5.120
2022	1.536	3.165	4.701
2021	1.395	2.413	3.808
2020	1.165	2.481	3.646
2019	Não há	Não há	3.960
2018	Não há	Não há	4.303
TOTAL	X	x	30.428
TOTAL ATÉ 2020	7.161	15.004	22.165

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do Fórum de Segurança Pública Brasileiro.

Outro dado que consegui, porém não cheguei a utilizar foram os dados de condenação de estupro em Santa Catarina. Para conseguir essas informações, primeiro entrei em contato com a assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça. Eles me encaminharam para outras três áreas até que, finalmente, cheguei à Corregedoria-Geral da Justiça, responsável por esse tipo de informação. Depois de entender o fluxo correto, formalizei o pedido pelo e-mail oficial da imprensa do Tribunal, solicitando as condenações registradas por ano desde 2009 até o período mais recente disponível. A intenção era complementar os dados do Anuário de Segurança Pública com informações do sistema judicial, permitindo entender não apenas o volume de crimes registrados, mas quantos deles efetivamente resultaram em condenação.

Tabela 2 — Registros de condenações por estupro em Santa Catarina

	Estupro (art. 213 do CP)	Estupro de vulnerável (art. 217-A do CP)	Violação sexual mediante fraude (art. 215 do CP)	Importunação sexual (art. 215-A do CP)	Assédio sexual (art. 216-A do CP)
2009	136	1	0	0	0
2010	146	47	1	0	0
2011	128	96	2	0	0
2012	145	168	1	0	1
2013	177	234	2	0	0
2014	142	279	2	0	1
2015	127	249	3	0	2
2016	92	293	4	0	1
2017	115	292	6	0	3
2018	119	403	5	1	2
2019	147	481	6	14	7
2020	136	481	7	24	6
2021	125	571	9	38	4
2022	150	530	12	86	3
2023	182	796	9	125	9
2024	204	1002	22	180	10
2025 (até 22/09/2025)	138	730	13	149	9
Total Geral	2.409	6.653	104	617	58

Fonte: Corregedoria-Geral da Justiça de Santa Catarina.

Esses foram alguns dos dados iniciais que embasaram minha decisão de pauta. Na época, o anuário atualizado ainda não havia sido lançado, por isso utilizei os dados referentes a 2023. Inicialmente, a proposta era produzir três episódios, cada um dedicado a uma cidade. Em seguida, percebi que o formato não seria viável e decidi escolher apenas uma para aprofundar a apuração. Como Itajaí havia

sido apontada como a pior cidade de Santa Catarina para ser mulher poucas semanas antes, a escolha se tornou a mais justificável.

O estudo que classificou o município foi realizado pela consultoria socioambiental Tewá 225 (2024). O levantamento baseou-se em dados do Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades (IDSC-BR), com foco nos indicadores relacionados ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº 5 da Organização das Nações Unidas, que trata da igualdade de gênero. Porém, durante a apuração, encontrei desafios que me levaram a abandonar essa proposta inicial, os quais detalharei mais adiante.

Ainda como parte da pesquisa, realizei a leitura de obras relacionadas ao tema, entre elas *Abuso*, de Ana Paula Araújo (2020), e *A vida nunca mais será a mesma*, de Adriana Negreiros (2021). Também ouvi o podcast *Abuso*, de Ana Paula Araújo, produzido em parceria com o G1; o *Sala de Espera*, da Rádio Novelo, que aborda o tema do aborto legal; e o *Caso das 10 mil*, produzido pela Folha de S.Paulo, também sobre aborto legal. O objetivo foi compreender diferentes maneiras de tratar essas temáticas em produções em áudio.

Estudei também artigos acadêmicos e jurídicos diversos sobre as mudanças na legislação brasileira referentes ao crime de estupro. Utilizei principalmente a *internet* para reunir os documentos necessários e recorri ao site Jusbrasil para compreender a legislação. A escolha do site se deu por ele ser o maior em tráfego do segmento jurídico no Brasil, segundo dados da plataforma Similarweb (2025). Essa parte se estendeu até mesmo durante a produção do roteiro, já que eu sempre precisava voltar para conferir as informações por se tratar de um assunto complexo e pela linguagem jurídica ser, em alguns momentos, difícil de compreender.

Mais para o final da pré-apuração realizada durante a disciplina de Planejamento, foquei em entender as estruturas de atendimento às mulheres vítimas de violência existentes em Santa Catarina. Passei semanas mergulhada em relatórios, páginas institucionais e documentos públicos, tentando compreender como o estado organiza essa rede e quais são as portas de entrada mais comuns para as vítimas. Levei muito tempo pesquisando principalmente sobre Itajaí, que na época era meu principal recorte, e elaborando a primeira versão da lista de fontes, contemplando contatos de órgãos estaduais e municipais, além de instituições e profissionais que poderiam contribuir para o aprofundamento das entrevistas.

Entrei em contato com as secretarias estaduais envolvidas com o tema como: saúde, segurança pública, educação e assistência social, mulher e família. Apesar das inúmeras tentativas de contato pelos assessores responsáveis e pelos e-mails institucionais, não consegui agendar as entrevistas. No final, fiquei sem tempo para continuar insistindo e percebi também que não iria utilizar essas entrevistas já que foquei mais na questão cultural de Santa Catarina do que na estrutura pública.

Confira o quadro completo de fontes com as quais entrei em contato. Lembrando que os nomes das vítimas são fictícios e os contatos foram retirados para proteção das fontes.

Quadro 1 — Lista de entrevistados

Quem é?	Fonte	Status	Prioridade
Vítima	Luiza	Feita	Alta
Vítima	Maria	Feita	Média
Vítima	Ester	Não quis	Baixa
Vítima	Joana	Feita	Média
Vítima	Verônica	Feita	Alta
Vítima	Beatriz	Feita	Baixa
Vítima	Daniela	Feita	Média
Vítima	Luana	Não quis	Média
Vítima	Patrícia	Não deu tempo	Baixa
Vítima	Diana	Não deu tempo	Baixa
Vítima	Giovana	Feita	Alta
Vítima	Roberta	Feita	Alta
Vítima	Vanessa	Feita	Alta
Vítima	Carolina	Feita	Baixa
Vítima	Ana	Feita	Baixa
Vítima	Isadora	Feita	Baixa
Vítima	Mari Ferrer	Sem retorno	Alta
Coordenadora do projeto protegidos	Tainara Vasconcellos	Feita	Baixa
Coordenadora das Delegacias de Proteção à Criança, Adolescente, Mulher e Idoso (DPCAMIs)	Patrícia Zimmermann	Feita	Alta
Pesquisadora em história de SC	Manoela Veras	Feita	Alta
Pesquisadora em enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes	Caroline Arcari	Sem retorno	Baixa

Pesquisadora na área de Saúde Mental e Gênero	Valeska Zanello	Sem retorno	Baixa
Presidente da CONSEGUR – Conselho Municipal de Segurança Pública de Itajaí	Susi Bellini	Não quis	Alta
Casa das Alva Itajaí	Michele Assistente Social	Não quis	Alta
Secretária da Assistência Social, Mulher e Família	Adeliana Dal Pont	Não quis	Alta
Secretário da Segurança Pública	Flávio Graff	Sem retorno	Média
Secretária da Educação	Luciane Ceretta	Sem retorno	Média
Delegado-geral da Polícia Civil SC	Ulisses Gabriel	Sem retorno	Baixa
Secretário de Saúde Estadual	Diogo Demarchi Silva	Não quis	Média
Representante da CEAV e CEVID	Patrícia Pioner	Feita	Média
Psicóloga, Neuropsicóloga e Advogada da CEVID	Fernanda Schlemper Carioni	Não quis	Alta
Titular da Delegacia de Proteção à Mulher, Criança, Adolescente e Idoso de São José	Sandra Mara	Não deu tempo	Baixa
Defensora pública	Anne Teive Auras	Agendada	Alta
Psicóloga Criminal	Maíra Marchi Gomes	Não quis	Baixa
Psicóloga e coordenadora do Projeto Faladeiras	Andréia Giacomozzi	Não deu tempo	Baixa
Enfermeira na área infantil	Ana Paula Araújo	Não deu tempo	Baixa
Professora da enfermagem especializada em gênero	Sheila Lindner	Não deu tempo	Baixa
Guarda Municipal de Itajaí	Psicóloga Carol	Não quis	Baixa
Coordenadora do Observatório de Violência em Itajaí	Thamara	Feita	Alta
Responsável Técnica pela Vigilância Interpessoal	Carmen	Feita	Baixa
Gênero e número	Buscar uma jornalista	Não deu tempo	Média
CREMV – Centro de Referência Especializado no Atendimento à Mulher em Situação de Violência	Entrei em contato pelo email institucional	Sem retorno	Alta
Psicóloga do CREMV	Soraia Araújo	Sem retorno	Alta
Secretaria Municipal de Saúde de Itajaí	Mylene Lavado	Feita	Alta

Comarca de Itajaí - Juizado Especial Criminal e da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher	Juiz Titular, Mauro Ferrandin	Feita	Alta
Comarca da Capital - Fórum Central Juizado da Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher	Juíza Titular, Naiara Brancher	Sem retorno	Média
Responsável pela saúde da mulher Itajaí	Arthur	Feita	Alta
Responsável pela saúde mental Itajaí	Adrieli	Feita	Alta
Pesquisadora (atua com direitos de crianças e adolescentes)	Lynara Ojeda	Não deu tempo	Alta
Pesquisadora antropóloga feminista e professora titular aposentada da UFSC	Miriam Pillar Grossi	Feita	Alta
Jornalista e escritora do A Vida Nunca Mais Será a Mesma	Adriana Negreiros	Feita	Média
Responsável pelo Instituto Laços Itajaí	Aline Yohana	Feita	Média
Piscóloga clínica escola Univali	Adriana Grabner	Feita	Baixa
Psicóloga da Polícia Civil responsável pelo projeto Proteja uma criança	Cristina Weber	Feita	Alta
Professora de enfermagem especializada em violência	Elaine Forte	Feita	Alta
Banda Mulamba para falar sobre cultura	Amanda Pacífico	Sem retorno	Baixa

Fonte: Elaborado pela autora.

2.3 A APURAÇÃO

Inicialmente, como comentei, a minha proposta de trabalho era focar exclusivamente em Itajaí, motivo pelo qual realizei uma apuração de aproximadamente três meses dedicada à cidade. Essa fase incluiu a reunião de dados locais, como os registros de atendimentos de violência sexual nos últimos 14 anos que solicitei em agosto, fichas de registro utilizadas nos atendimentos em casos de estupro, cartilhas sobre o funcionamento do aborto legal e outros documentos importantes para compreender o fluxo institucional de acolhimento.

Busquei informações complementares em pesquisas acadêmicas da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) sobre a região e mantive contato com profissionais da rede municipal de saúde e assistência. Segue abaixo parte do documento recebido.

Tabela 3 — Registros de estupros em Itajaí

Ano da Notific	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Total
2009	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
2010	1	1	0	1	0	0	1	0	2	8	3	0	17
2011	1	1	2	2	1	0	3	5	3	4	4	3	29
2012	2	2	3	0	3	2	1	0	2	5	2	3	25
2013	2	5	3	1	3	2	7	1	4	7	0	2	37
2014	2	6	5	5	1	3	3	2	0	7	3	0	37
2015	0	2	4	0	1	5	2	4	1	2	7	2	30
2016	6	2	2	4	5	2	3	6	3	5	6	2	46
2017	5	1	4	7	4	0	5	7	4	12	8	6	63
2018	4	7	7	11	4	6	5	3	3	6	1	5	62
2019	4	7	8	8	8	2	6	3	7	5	10	10	78
2020	8	8	2	4	8	7	6	8	6	5	15	2	79
2021	14	8	10	9	5	3	9	4	0	7	4	6	79
2022	3	9	6	12	6	8	12	9	8	10	8	14	105
2023	18	5	10	8	12	3	6	15	4	8	9	7	105
2024	13	6	13	6	6	4	8	7	8	6	10	6	93
2025	5	10	10	10	4	8	0	0	0	0	0	0	47
Total	88	80	89	88	71	55	77	74	55	97	91	68	933

Fonte: Secretaria de Saúde Municipal de Itajaí.

No município, realizei entrevistas com diversas autoridades e profissionais da região, como a secretária de Saúde, Mylene Lavado, a coordenadora do Observatório de Violência, Thamara Garcia Del Mir, a responsável pelo setor de saúde mental, Adrieli Corrêa, e o responsável pela saúde da mulher e do homem, Arthur Arruda Rocha. Ainda, conversei com um técnico da Polícia Científica que pediu anonimato, com a psicóloga da Clínica-Escola da Univali, Adriana Grabner, com a psicóloga do Instituto Laços de Itajaí, Aline Yohana, e com o juiz Mauro Ferrandin, responsável pela Comarca da Mulher, da Criança e do Adolescente no município.

Durante o processo fiz duas viagens a Itajaí, a primeira no dia 25 de agosto e a segunda em 6 de outubro. Encontrei diversas dificuldades para agendar as entrevistas necessárias porque muitas vezes ficava sem resposta e a organização

do município fazia com que eu ficasse sendo repassada de uma pessoa para outra. Percebi com o tempo que isso acontece porque não existe ninguém responsável ou olhando especificamente para o tema da violência sexual. Esse não foi um padrão percebido apenas em Itajaí, no nível estadual não foi diferente.

No momento de montagem dos roteiros, decidi não incluir as informações sobre o município na versão final, porque o volume e a importância do material coletado exigiria um episódio inteiro dedicado só a Itajaí, o que não caberia dentro do planejamento e do tempo que eu tinha. Outra dificuldade foi não ter conseguido encontrar nenhuma vítima da cidade para entrevistar. Como todos os outros episódios usariam os relatos como parte central da narrativa, não faria sentido produzir um sobre Itajaí sem esse elemento. Por isso, optei por priorizar outros temas nos episódios iniciais que foram produzidos.

Dentro do cronograma definido junto à minha orientadora, dediquei meu tempo à apuração até o dia 14 de outubro. Meus primeiros passos para avançar no trabalho começaram pela *internet*. Enquanto, paralelamente, eu conversava com a secretária de Saúde de Itajaí para solicitar os dados mencionados anteriormente e agendar as visitas técnicas, também iniciei a busca pelas principais fontes do projeto: as vítimas. Esse processo exigiu cuidado redobrado, tanto pela sensibilidade do tema quanto pela necessidade de estabelecer um contato respeitoso. Ao mesmo tempo, organizei listas de possíveis entrevistadas, revisei materiais já publicados sobre casos na região e mapeei instituições e coletivos que pudessem ajudar na aproximação com essas mulheres.

Procurei no *Instagram* perfis dedicados ao tema da violência sexual e, neles, encontrei diversas mulheres compartilhando seus relatos nos comentários das postagens. Fui selecionando alguns desses relatos, principalmente os mais recentes, e entrei em contato diretamente com as autoras, me apresentando, explicando o propósito do meu trabalho, contando que também sou uma vítima de estupro e perguntando se aceitariam participar de forma anônima. A resposta foi muito positiva e a maioria aceitou participar e, em muitos casos, as próprias mulheres me indicaram para outras vítimas dispostas a contribuir. Em uma única tarde fazendo esse processo, consegui metade das entrevistas que tenho no trabalho completo.

Outra estratégia que utilizei foi enviar um texto semelhante para diferentes perfis, me apresentando e explicando minha busca por mulheres que tivessem

passado por situações de violência sexual, pedindo que compartilhassem o pedido. Os únicos retornos vieram de perfis administrados por amigos e conhecidos, mas, ainda assim, essa rede ajudou a ampliar o alcance da pesquisa. Apesar disso, enfrentei um dilema, já que todas as fontes que consegui dessa forma eram de fora de Santa Catarina e eu ainda não sabia como encontrar participantes do estado. Diante dessa dificuldade, decidi criar um perfil no *Instagram* específico para o TCC.

Nas postagens, compartilhei um pouco sobre o trabalho, seus objetivos, quem eu sou, a minha trajetória e alguns dados sobre o cenário do estupro no Brasil e em Santa Catarina. A ideia era contextualizar quem chegasse ao perfil e, ao mesmo tempo, criar um espaço para que possíveis fontes me encontrassem. Quando criei o *Instagram*, a proposta ainda era focar os três episódios em Santa Catarina. Por isso, tanto o perfil quanto as artes utilizavam o título inicial que eu havia criado: “Em silêncio: a cultura do estupro em Santa Catarina”. Entretanto, durante a produção do roteiro, percebi a necessidade de ampliar o assunto e, com isso, alterei o título para acompanhar essa abordagem mais abrangente.

Figura 1 — Print do *Instagram* de “Em silêncio”



Fonte: Elaborado pela autora. Disponível em: <https://www.instagram.com/emsilencio.sc>

Toda a identidade visual para o *Instagram* e os conteúdos criados foram desenvolvidos por mim. Utilizei o Canva para esse processo por ser uma interface com a qual já estou acostumada e que é fácil de utilizar no dia a dia. A minha conta no site é a versão paga, então tenho acesso a uma variedade maior de elementos, fontes e modelos que facilitaram a criação das artes. Passei bastante tempo testando combinações de cores, tipografias e estilos até chegar em algo que transmitisse a seriedade do tema, mas que não fosse repetitivo ou sensacionalista. Inclusive, evitei propositalmente o uso do vermelho como cor principal.

Foi extremamente produtivo e desafiador começar pelas entrevistas com as vítimas. Em um período de quatro dias, entrevistei sete mulheres. Teve dia em que conversei com três pessoas diferentes. Psicologicamente, foi exaustivo ouvir esses relatos nas primeiras vezes, até porque eu nunca tinha conversado com outras vítimas dessa forma, então também passei por um processo de visitar muitas vezes a minha própria história. Ainda assim, essas entrevistas foram fundamentais para construir perguntas mais sólidas e levantar dúvidas que, mais tarde, consegui esclarecer nas conversas com especialistas.

Após finalizar algumas das primeiras entrevistas com as vítimas, reuni as principais dúvidas que surgiram e comecei a cercar o máximo de frentes possíveis relacionadas à temática. Durante as conversas, percebi alguns padrões que me levaram a definir parte das temáticas centrais dos episódios, como as dificuldades de reconhecer um estupro, o desconhecimento em relação à legislação e ao funcionamento do sistema de saúde, os impactos psicológicos e como eles afetam a vida das vítimas, com foco na diferença entre infância e vida adulta, a falta de apoio, a culpabilização e como a forma que outras pessoas reagem ao crime afetam os comportamentos das vítimas.

Esses pontos se repetiram tantas vezes que se tornaram essenciais para estruturar a narrativa e orientar as próximas entrevistas com especialistas. Além deles, outras questões como a importância da educação sexual, o acesso ao aborto legal, as dificuldades encontradas nas estruturas do estado para atendimento das vítimas também foram tópicos recorrentes que acumulei material sobre durante a apuração. No entanto, por causa do tempo para produção do trabalho, precisei deixar de fora esses assuntos.

Com as dúvidas em mente, o processo de buscar quem eu precisava para falar sobre o assunto ficou um pouco mais fácil. Comecei entrando em contato com aquelas fontes indicadas por outras pessoas ou profissionais que eu já conhecia que falavam sobre o assunto. A entrevista com a professora Elaine Forte foi uma das que me indicaram para falar sobre o assunto. Outro método que utilizei para encontrar fontes foi ler alguns trabalhos de conclusão de curso indicados pela minha orientadora. Nisso, encontrei mais algumas possíveis fontes como a Delegada Patrícia Zimmerman que também foi uma das primeiras pessoas que entrevistei.

O grupo Espelhos da UFSC, um espaço reflexivo de mulheres para falar sobre violência, também foi importante na busca por relatos. Conheci a Patrícia, da CEAV, em pesquisas na *internet* e, ao conversar com ela, descobri que fazia parte do grupo. Comentei que buscava mulheres que tivessem sofrido violência sexual dentro do relacionamento, e ela me ajudou compartilhando no Espelhos sobre o meu trabalho. Por causa disso, quatro mulheres com esse perfil entraram em contato comigo. Pelo tempo reduzido, entrevistei duas e utilizei a entrevista de apenas uma.

No total, realizei mais de 30 entrevistas, com duração entre 30 minutos e uma hora e meia cada. Dentre essas, doze são relatos de vítimas de violência sexual. As principais fontes utilizadas no trabalho incluem: a psicóloga Cristina Weber, da Polícia Civil de Joinville e responsável pelo projeto Proteja uma Criança; a coordenadora do Observatório de Violência contra a Mulher e defensora pública, Anne Teive Auras; a professora de Enfermagem especializada em violência, Elaine Forte; as pesquisadoras Manuela Veras e Miriam Grossi; a responsável pelo Instituto Laços de Itajaí, Aline Yohana; e a psicóloga da Central Especializada de Atendimento às Vítimas de Crimes, Patrícia Pioner. Além das fontes especialistas ou oficiais, também utilizei cinco relatos no trabalho, além do meu.

É perceptível que acumulei informação demais na apuração, já que no final utilizei menos da metade de todas as entrevistas. Mesmo assim, todas foram essenciais para compreender as inúmeras facetas envolvidas no estupro e como elas se conectam. Entrevistar fontes de áreas distintas e vítimas de idades e histórias tão diferentes ampliou meu repertório de informações sobre o assunto e tornou o processo de seleção do que entraria nos roteiros muito mais qualificado.

Por conta de todo o material de pesquisa, dados e entrevistas que acumulei, seria possível produzir ainda mais três episódios com as seguintes temáticas centrais (todas interligados com a questão do estupro): educação sexual, aborto

legal e o cenário da violência sexual em Itajaí. Esses conteúdos surgiram ao longo da apuração e mostram o quanto o tema é amplo e interligado. Por isso, entendo que esses três primeiros episódios que produzi representam apenas o início do que poderia se tornar um trabalho maior e contínuo sobre a cultura do estupro no Brasil.

Ainda, ao final das apurações, percebi que meus próximos passos nesse processo seriam buscar o que está sendo discutido no âmbito dos movimentos sociais e legislativos em relação ao estupro. Como apresento no último episódio, não há nenhum amparo legal que obrigue os estados a criarem estruturas específicas para atender casos de violência sexual, o que abre uma série de lacunas importantes. Não tive tempo suficiente para avançar nessa direção, mas entendo que, para além dos episódios para os quais já possuo material pronto, existe ainda a possibilidade de continuar a apuração justamente por esse caminho.

2.4 O ROTEIRO

Para o modelo de roteiro, escolhi seguir o que aprendi durante a graduação, especialmente a estrutura com as representações da técnica. Mesmo sem gravação ao vivo — já que todos os elementos foram registrados separadamente e editados depois — mantive o padrão de organização que usamos em sala, incluindo a indicação das sonoras, das locuções e de efeitos.

O processo de seleção do que entraria no roteiro foi desafiador, porque eu tinha muito material. Antes de escrever, revisei todas as entrevistas e separei os trechos mais importantes por assunto. Minha orientadora me ajudou nessa etapa, lendo algumas entrevistas comigo e marcando o que realmente precisava entrar em cada episódio de acordo com o que eu já havia planejado.

Assim, levei cerca de um mês e poucos dias para escrever os três roteiros. Além das locuções, escolhi incluir no início de cada episódio o trecho de um poema. Inicialmente, meu objetivo era usar apenas o livro *A bruxa não vai para a fogueira neste livro* da Amanda Lovelace (2018). Essa escolha se deu pela importância pessoal que a obra tem na minha vida, já que li quando ainda era adolescente e foi a partir dele que comecei a escrever, e pela temática pois a autora fala muito sobre violência sexual.

No entanto, no terceiro episódio enquanto estava editando percebi que como era a minha história que abria, eu também queria que fosse um texto meu ali.

Quando adolescente escrevi muitos pequenos poemas sobre o assunto e foi isso que me levou a estudar sobre gênero. Então, parecia apenas certo que eu encerrava assim. Escrevi aquele poema no mesmo dia enquanto editava e depois gravei para adicionar. Entendo que essa mudança pode confundir, porém considerei necessário para a estética e a narrativa do momento.

Tanto enquanto escrevia quanto depois nas revisões, eu e minha orientadora nos preocupamos primordialmente com a proteção das vítimas. Diferentes estratégias foram utilizadas para isso, como: troca do nome, uso de atrizes para dublar a voz e a retirada de qualquer informação pessoal sobre ela dentro do texto. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj, 2007) mesmo define que o jornalista não pode colocar em risco a integridade das fontes.

Outra questão foi o cuidado com o uso de descrições explícitas de violência. Foquei em explicar a violência mas evitando o que não era necessário. No geral, foi algo que evitei utilizar e os motivos são diversos. Acredito que é uma forma de proteção às entrevistadas e também a quem escuta. Ainda, evita que abusadores escutem os relatos como um tipo de fonte de prazer.

Da mesma forma que a proteção da identidade das fontes, isso é algo que deveria ser básico no jornalismo já que o código de ética também estabelece que não se deve divulgar informações “de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes” (Fenaj, 2007, p. 3). Não que isso seja cumprido como deveria, especialmente em casos de violência de gênero.

Propositamente também, não descrevo com detalhes informações sobre o comportamento das vítimas ou contextos desnecessários sobre como o crime aconteceu. Me preocupo em destrinchar mais os pensamentos e sentimentos delas. Igualmente evito ainda falar sobre os agressores para além do preciso. Essa escolha foi tomada para evitar a culpabilização daquela mulher ou uma tentativa de justificar o comportamento do criminoso. Afinal, a sociedade tende a falar das ações da vítima como se de alguma forma aquilo levasse ao estupro.

Percebe-se, portanto, como a representação dos suspeitos de estupro ainda é formulada a partir de uma mirada sobre a vítima e do modo como ela é representada. O foco do olhar social ainda se volta, antes de qualquer julgamento de valor, para a mulher e é a sua conduta que irá ditar as classificações atribuídas ao abusador (Silva; Dornelas, 2020, p. 11)

E o jornalismo tende a fazer o mesmo. As autoras Maria Terezinha da Silva e Raquel Dornelas (2020) analisaram notícias e comentários de leitores do portal G1 sobre o estupro coletivo de uma adolescente na periferia do Rio de Janeiro em 2016. Com isso, perceberam que “as matérias deixam escapar, quando não o fazem diretamente, enunciados culpabilizatórios ou que minimizem a condição de vítima da mulher violentada” (Silva; Dornelas, 2020, p. 19). Dessa forma, me esforcei para não reproduzir os mesmos problemas.

Ao longo do roteiro, repeti alguns tópicos inúmeras vezes. Essa também foi uma escolha. Informações sobre o que é estupro, e como não precisa de penetração, sobre crianças serem as principais vítimas e principalmente sobre a responsabilidade pela violência não ser da mulher, foram algumas das que preferi falar insistentemente. Como Niara de Oliveira e Vanessa Rodrigues (2021) apontam:

A perpetuação dessa cultura de ódio tem a contribuição cotidiana da imprensa que não se questiona nestes apontamentos que fazemos. Por isso mesmo os fazemos de forma tão veementes, reiterativa e até repetitiva nessa publicação. Porque repetitiva é a narrativa tendenciosa da imprensa [...] (Oliveira; Rodrigues, 2021, p. 234).

Apesar de estarem falando especificamente sobre a cobertura de feminicídio, acredito que a ideia se encaixa muito bem quando falamos sobre a violência sexual também. Assim como elas, escolhi repetir de forma repetitiva aquilo que normalmente é ignorado.

Por fim, um ponto que se relaciona com a apuração e impactou a escrita do roteiro foi a escolha de priorizar vozes femininas. Entrevistei apenas dois homens em situações específicas, quando eram as pessoas que ocupavam o cargo necessário para a pauta. Ainda assim, no roteiro, decidi dar destaque às falas das fontes mulheres.

Nenhuma informação foi desconsiderada, mas a prioridade de escuta e uso das vozes femininas foi uma decisão editorial intencional. Afinal, já estamos acostumadas demais a narrativas embasadas por vozes masculinas.

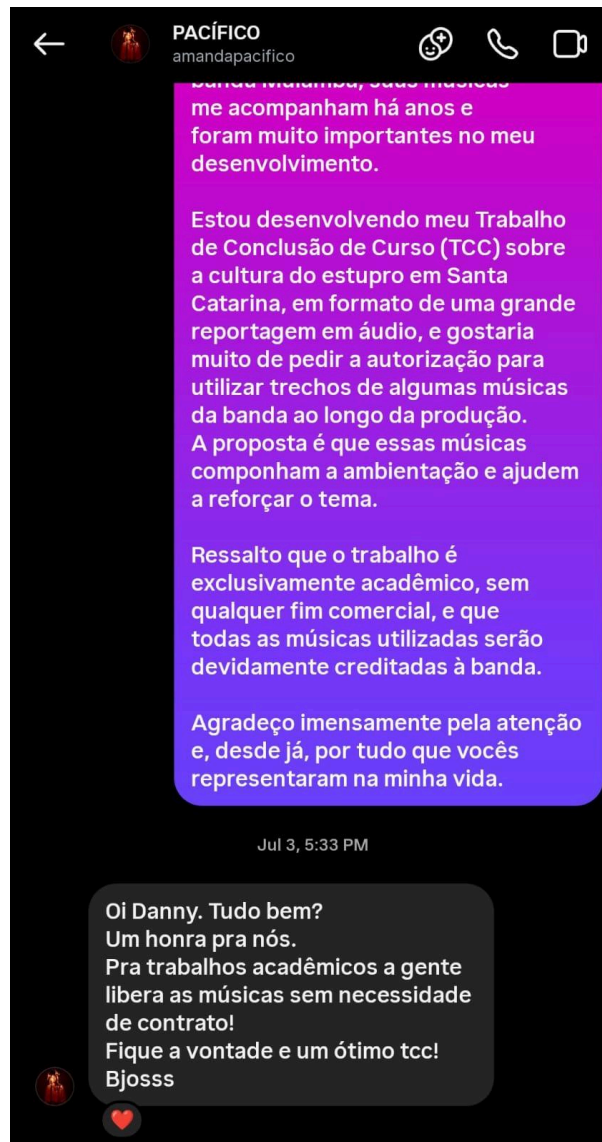
2.5 A EDIÇÃO

Como aponta Kaplún (2017, p. 152), é necessário fazer quem escuta imaginar, sentir e enxergar a história a partir do som. Nesse processo, músicas e efeitos sonoros são ferramentas centrais, especialmente porque ajudam a construir os sentimentos que se pretende transmitir.

Durante a edição, o desafio foi equilibrar a construção emocional, sem cair no exagero ou em um tom sensacionalista. Com base nos conceitos de Kaplún, as músicas no meu trabalho cumpriram três funções principais: a gramatical, de marcar a passagem e organizar os blocos; a expressiva, de criar o clima emocional de cada momento; e a reflexiva, que abre espaço para a pausa e a reflexão ao longo da narrativa. Além disso, busquei trilhas que dialogassem diretamente com o tema e contassem junto com a reportagem aquela história.

Por isso, escolhi a banda Mulamba como base musical. Mulamba foi uma banda brasileira de rock e MPB formada em 2015, em Curitiba, composta apenas por mulheres. Mesmo tendo encerrado as atividades em 2023, as músicas que produziram marcaram a minha trajetória, especialmente por abordarem questões de gênero e violência. Para utilizar as músicas da banda, entrei em contato ainda em Julho pelo *Instagram* com algumas das integrantes, apresentando o projeto e solicitando autorização. A antiga vocalista, Amanda Pacífico, respondeu e cedeu o uso das faixas.

Figura 2 — Print da resposta dela no *Instagram*



Fonte: Elaborado pela autora.

Procurei outras artistas brasileiras com trabalhos semelhantes que gostaria de incluir, mas não obtive retorno a tempo. Além das músicas da banda, utilizei a biblioteca de áudios do *YouTube* que reúne obras sonoras liberadas para uso. Testei mais de quinze faixas do banco e de domínio público até encontrar as opções que melhor se encaixavam na proposta.

Com relação ao formato, este trabalho segue principalmente o conceito de Ferrareto (2014) sobre grande reportagem ou reportagem especial em áudio como formato e o podcast como meio de distribuição. O autor define a prática de podcasting como “ uma forma de difusão, via rede, de arquivos ou séries de arquivos

[...]. Trata-se, portanto, de um meio que extrapola sua base tecnológica inicial.” (Ferrareto, 2014, p. 22-23). Como o objetivo posterior é veicular desta forma, se enquadra na prática.

A escolha pela grande reportagem, também conhecida como reportagem especial ou em profundidade, se baseia em sua capacidade de combinar apuração detalhada, profundidade interpretativa e narrativa jornalística. Além disso, o autor destaca que esse gênero pode incorporar trilhas e efeitos sonoros, desde que usados com critério, e alerta que na narrativa deve predominar a palavra do repórter.

[...] constitui-se em um meio-termo entre a reportagem comum, aquela do dia a dia, e o documentário. Aparece como ampliação quantitativa e, muito mais profundamente, qualitativa do trabalho usual e cotidiano corporificado nos boletins dos repórteres de uma emissora de rádio. Não chegando a ter a abrangência de um documentário, adentra o terreno do jornalismo interpretativo. (Ferrareto, 2014, p. 196-197)

O texto deste trabalho segue então as características descritas por Sodré e Ferrari (1986) apud Ferrareto (2014) em uma grande reportagem, que incluem o uso predominante da narrativa, a valorização de relatos mais próximos da experiência humana, a construção de um texto com nuances subjetivas e, ao mesmo tempo, o compromisso com a objetividade dos fatos. O trabalho vai se utilizar também de elementos da linguagem do podcast jornalístico narrativo como uso da primeira pessoa em alguns momentos e descrição de situações. Kischinhevsky (2018) apud Mafra (2024) define o que chama de “radiojornalismo narrativo em podcast” como:

[...] uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos. (Kischinhevsky, 2018, p. 79 apud Mafra, 2024, p. 59).

A linguagem utilizada é principalmente a radiofônica, composta por voz humana, música, efeitos sonoros e silêncio, combinados de forma estratégica para criar significado e sensações. Cada um desses elementos possui funções específicas e pode ser empregado de diferentes maneiras, com maior ou menor apelo ao intelecto ou à sensibilidade do ouvinte. Conforme Ferrareto (2014), é a partir das possibilidades e limitações desses recursos que se estabelece a estrutura

do conteúdo sonoro. O bom profissional de rádio, segundo o autor, “parte de um conceito em relação ao que pretende produzir e, com base nessa definição, planeja e executa o seu produto” (Ferrareto, 2014, p.37).

2.5 DIVULGAÇÃO

Para a divulgação, utilizei o *Instagram* mencionado anteriormente e pretendo continuar usando a plataforma após a publicação do trabalho. A escolha pela rede se deu pela facilidade de alcançar diferentes públicos, pela possibilidade de integrar textos, imagens e vídeos curtos e, principalmente, pela possibilidade de interação direta com potenciais ouvintes e futuras fontes.

O trabalho foi inicialmente publicado de forma privada no *SoundCloud* para entrega à banca. Minha intenção é enviar o trailer da produção para o Gênero e Número, associação de mídia independente que produz, analisa e dissemina dados especializados em gênero, raça e sexualidade, para avaliar o interesse deles em publicar o material. Essa possibilidade surgiu em uma conversa que tive durante a ABRAJI, quando representantes do veículo sugeriram que eu encaminhasse o projeto para análise.

Caso isso não aconteça, pretendo disponibilizar os episódios no *Spotify* da Rádio Ponto, a webemissora do curso de Jornalismo da UFSC, que já reúne produções acadêmicas e experimentações sonoras feitas por estudantes. Publicar por lá permite integrar o trabalho a um espaço reconhecido dentro da universidade e alcançar um público que já consome podcasts produzidos no curso.

2.6 RECURSOS

Todo o desenvolvimento deste trabalho foi realizado exclusivamente por mim, utilizando equipamentos pessoais e recursos emprestados para viabilizar a produção com qualidade técnica e custo reduzido. Para a captação de áudio, utilizei meu celular pessoal, um Motorola Edge 20 Pro, avaliado em aproximadamente R\$ 2.500,00, e um microfone lapela Lark M2, emprestado por uma colega, cujo valor de mercado gira em torno de R\$ 900,00.

A edição do material foi feita em meu notebook Acer Aspire 3, equipado com processador AMD Ryzen 5, adquirido por cerca de R\$ 3.800,00. Para o tratamento

do áudio, fiz uso do software Adobe Audition, integrante do pacote Adobe Creative Cloud, cujo acesso também é temporariamente emprestado por uma colega. O custo médio mensal desse serviço é de R\$ 300,00, e considerando o uso estimado de dois meses, o valor total referente ao software é de aproximadamente R\$ 600,00.

Para a gravação das locuções e de entrevistas pontuais, foi utilizado o Laboratório de Áudio e Radiojornalismo do curso de Jornalismo da UFSC, que oferece estrutura adequada sem custos adicionais. Para fins comparativos, realizei levantamento de preços em estúdios profissionais, como o Floripa Podcast e o Hub Studio, cujos valores por hora variam significativamente, sendo o menor valor encontrado de R\$ 380,00. Caso fosse necessário o uso comercial desses espaços, considerando ao menos três horas de gravação para locuções e entrevistas, o custo estimado seria de R\$ 1.140,00, valor que foi economizado com o uso da infraestrutura universitária.

Quanto ao deslocamento, foram realizadas duas viagens para Itajaí, uma com meu veículo pessoal e outra com ônibus rodoviário. As estadias ocorreram na residência de familiares, o que eliminou custos com hospedagem. Considerando o gasto de transporte, no caso combustível, passagem e uber dentro do município, a soma foi cerca de R\$ 300,00. A alimentação nos dois dias incluiu apenas um almoço já que sai de manhã de Florianópolis e voltei no final do dia, um total aproximado de R\$ 60,00.

O custo total estimado dos equipamentos próprios e recursos emprestados chega a aproximadamente R\$ 9.300,00. Contudo, os custos efetivamente desembolsados, considerando o uso da infraestrutura universitária e empréstimos, foram apenas os da viagem. Ainda, consegui, por indicação de um amigo ator e dublador, algumas voluntárias para dublar as fontes anônimas do meu trabalho. O valor do trabalho das três atrizes somados é de aproximadamente R\$ 900 de acordo com orçamentos passados pelas próprias profissionais.

Segundo a tabela de freelas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, a produção e edição de programas radiofônicos por minuto é de R\$ 291,96, e cada minuto de roteiro é R\$ 175,17. Os três episódios somam 136 minutos, ou seja, o custo para produção e edição ficou R\$ 39,706.56 e de roteirização R\$ 23,823.12. No total, esse trabalho custaria R\$ 73,729.68.

3 DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS

O assunto desde o começo. Foi, sem dúvida, o meu maior desafio. Ler, ouvir e consumir tanta informação sobre violência sexual não é algo simples de processar, especialmente quando isso atravessa experiências pessoais e históricas que ainda doem. Em vários dias me senti sobrecarregada pelo peso de lidar com algo tão doloroso e, pior ainda, estudar o quanto a sociedade, a legislação, a cultura e todas as estruturas sustentam para que isso continue acontecendo. Precisei de muito foco para não desanimar ou deixar que esses sentimentos me paralisassem completamente.

Não consigo apontar uma solução exata, porque não existe fórmula. O que aconteceu foi que, com o tempo, fui criando um certo distanciamento para conseguir trabalhar. Em alguns momentos, percebi que já estava tão acostumada com aquelas informações que, ao escrever, tinha medo de que o texto não tinha mais o impacto necessário ou parecia não estar bom o suficiente. Na verdade era só um reflexo do fato de que eu tinha naturalizado de certa forma aquelas situações.

Ao mesmo tempo, houve dias em que a injustiça presente em tudo isso — especialmente as horas ouvindo tantas mulheres que viveram situações de violência — me atingiu com força e me deixou parada dias. Nessas situações, avisei minha orientadora, e juntas definimos pequenas tarefas, metas curtas e possíveis, que me ajudaram a retomar o ritmo. Esses momentos foram essenciais para organizar o trabalho e cuidar minimamente de mim dentro do processo.

Inclusive, em todos os momentos minha orientadora me lembrava da importância de observar meus limites e que, caso eu precisasse, podia mudar de tema. Em nenhum momento ao longo de toda a produção desse trabalho isso passou pela minha cabeça. Nunca quis desistir do assunto. Porém, eu realmente deveria ter voltado para a terapia enquanto apurava sobre ele. Se alguém quiser saber como trabalhar pautas assim, já aviso: faça terapia.

No fim, acho que o principal aprendizado foi entender meus próprios limites e como eu iria lidar com a história de outras pessoas sem acabar voltando a sofrer pelas minhas. Aprendi a reconhecer quando eu precisava pausar, quando precisava pedir ajuda e quando precisava simplesmente aceitar que produzir um trabalho sobre estupro exige mais do que técnica: exige cuidado constante com quem

pesquisa e com quem confia suas histórias. Esse equilíbrio foi talvez o maior desafio e também o maior crescimento que tive ao longo do projeto.

Outra questão que me acompanhou desde o momento em que decidi me incluir no trabalho até os últimos segundos, e que talvez ainda me acompanhe, foi lidar com o fato de que eu tornaria públicas partes muito pessoais da minha vida. Já expliquei o motivo que me levou a fazer essa escolha, então não vou retomar tudo aqui. Mas o maior medo, e também o maior desafio, foi encarar que eu teria que contar ao meu pai, pela primeira vez, o que aconteceu comigo. Eu já tinha contado muito brevemente para a minha mãe há poucos anos atrás, mas sempre jurei para mim mesma que jamais contaria ao meu pai.

Porém, não queria que ele descobrisse isso apenas quando tudo estivesse publicado. Então, antes mesmo de criar o *Instagram* do projeto, sentei com ele e contei. A ansiedade até chegar nesse momento quase acabou comigo. Sou muito grata a esse projeto por me dar a coragem necessária para enfrentar esse medo. O impacto disso em mim não pode ser medido, mas com certeza aprendi muito mais do que imaginava só por causa desse passo que precisei dar para produzir o trabalho.

Outra grande questão à qual gostaria de ter me dedicado mais é a interseccionalidade. Senti que, pela minha “bolha” ser formada majoritariamente por mulheres brancas, cis e de classe média, acabei limitada e não consegui explorar outras dimensões essenciais do estupro, como raça, classe, deficiência, sexualidade e a experiência de mulheres trans. Durante a apuração, até conversei com pessoas trans que conheço e tentei buscar outras fontes, mas não encontrei quem estivesse disponível para participar. Como esse é um tema sensível e muitas fontes surgiram por indicação, a própria configuração da minha bolha influenciou o perfil das pessoas que me procuraram dispostas a falar.

Tenho noção de que poderia e deveria ter ido além, buscando uma variedade maior de realidades que ampliasse o alcance e a profundidade do trabalho. No entanto, a falta de tempo e estrutura tentando equilibrar tudo acabaram me conduzindo para o que estava mais perto e acessível naquele momento. Ainda assim, esse processo deixou claro falhas minhas como jornalista que quero corrigir. Espero conseguir voltar a esse tema com mais maturidade, tempo e estrutura, para tratá-lo com a interseccionalidade que ele exige e que as vítimas merecem. Essa limitação se tornou um aprendizado importante sobre responsabilidade na apuração

e sobre a importância de ampliar cada vez mais os espaços que conheço e as vozes que escuto.

Aprender a conduzir entrevistas delicadas foi um dos processos mais transformadores do trabalho. Eu já sabia, na teoria, como abordar temas sensíveis, mas colocar isso em prática diante de histórias tão dolorosas exigiu muito mais do que preparo técnico. Precisei desenvolver uma escuta mais atenta, um cuidado ainda maior com cada palavra e muita responsabilidade para perceber os limites das entrevistadas. Em vários momentos tive medo de conduzir mal alguma pergunta, de pressionar sem querer ou de abrir feridas que talvez elas não quisessem revisitar. Esse receio, por mais desconfortável que fosse, também me fez lembrar o óbvio: dar tempo, aceitar o silêncio e lembrar que ali existem pessoas, não apenas fontes.

Ainda houve outras dificuldades como buscar uma identidade durante a escrita do roteiro. Nunca tinha escrito algo nessa linha, então apesar de saber o que precisava falar, me sentia insegura sobre qual tom usar e como equilibrar sensibilidade com o rigor jornalístico. Em alguns momentos senti que o texto não soava como “meu” ou até que ficou um pouco travado. Reli, testei e reescrevi diversas versões e definitivamente a prática fez o processo ficar um pouco mais fácil.

Por fim, não posso deixar de citar o desafio padrão de todo universitário que precisa trabalhar para pagar as contas: equilibrar tudo. A sensação era de estar sempre com um prato girando a mais e qualquer descuido podia derrubar tudo. Escolhi produzir três episódios e queria fazer o melhor possível em cada, mas minha realidade muitas vezes não me permitia alcançar o mundo ideal que sonhei. Aprender a abrir mão sempre foi uma dificuldade para mim na faculdade e aqui não foi diferente, eu não só queria fazer tudo como ainda queria fazer o mais perfeito possível.

Me cobrei muito para que esse trabalho fosse o meu máximo porque tantas mulheres confiaram em mim. Esse perfeccionista quase me parou completamente quando se misturava com a sobrecarga física e mental da vida. Precisei aprender a me organizar, confiar muito na orientadora e aceitar que nem eu ia conseguir fazer.

Superar todas essas dificuldades e viver todos esses aprendizados só foi possível graças a todas as mulheres que entrevistei. Ao final das entrevistas eu sempre recebia agradecimentos, incentivos ou comentários sobre como falar comigo era a única oportunidade de contar aquela história para alguém. Como disse nos

agradecimentos, vocês me ensinaram mais do que tudo nesse trabalho. Me ensinaram que o jornalismo vale a pena. Mas a lição que aprendi com vocês e definitivamente nunca mais vou esquecer, é de que não estou sozinha. Estamos todas juntas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Dossiê violência sexual**. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-sexual/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ARAÚJO, Ana Paula. **Abuso: a cultura do estupro no Brasil**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

DIAS, I.; CAVALCANTI, V. Violência e gênero: a interseção das desigualdades sociais. In: TAVARES, M. S.; SOUZA, Â. M. F. L. (orgs.). **Diálogos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo**. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 179-203. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786556305172.0008>.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Brasília, 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 23 nov. 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide – Para uma Teoria Marxista do Jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2024**. Brasília, DF: IPEA; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

IPEA. **Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto**. Ipea.gov, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-t-em-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-dois-por-minuto>. Acesso em: 22 abr. 2025.

KAPLÚN, Mario. **Produção de programas de rádio: do roteiro à direção**. São Paulo: Intercom, 2017.

LIBÓRIO, R. **Exploração sexual comercial infanto-juvenil: categorias explicativas e políticas de enfrentamento**. In: A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais. São Paulo/Goiânia: Casa do Psicólogo/Editora da UCG, 2004. p. 19-50.

LOVELACE, Amanda. **A bruxa não vai para a fogueira neste livro**. Alfragide, Portugal: LeYa, 2018.

MAFRA, Alcides. **Aproximações entre a reportagem radiofônica e o podcast narrativo**: uma análise da minissérie sonora *Praia dos Ossos*. 2024. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**. Porto Alegre: Editora Arquipélago, 2022.

NEGREIROS, Adriana. **A vida nunca mais será a mesma**: cultura da violência e estupro no Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; PINTO MIGUEL, Raquel de Barros; JANUÁRIO, Soraya Barreto (orgs.). **Feminismos, mídia e subjetividades**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022.

OLIVEIRA, Niara de; RODRIGUES, Vanessa. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida**. São Paulo: Editora Drops, 2021.

TEWÁ 225. **Piores cidades para ser mulher: 2024**. [S. l.: s. n.], 2024. Disponível em: <https://www.piorescidadesparasermulher.com.br/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SIMILARWEB. **Jusbrasil.com.br competidores**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/website/jusbrasil.com.br/competitors/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SILVA, Maria Terezinha da; DORNELAS, Raquel. **A violência sexual como acontecimento: representações, valores e problema público**. In: **ANAIS DO 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2020, Campo Grande. **Anais eletrônicos...** Galoá, 2020. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2020/trabalhos/a-violencia-sexual-como-acontecimento-representacoes-valores-e-problema-publico?lang=pt-br>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul./dez. 1995.

ZIMMERMANN, Arnaldo; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Categorização para as modalidades contemporâneas da reportagem radiofônica brasileira. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1063>. Acesso em: 15 jun. 2025.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiros

Roteiro primeiro episódio “Retrato do estupro no Brasil”

LOC - Eu descobri o que a palavra abuso significava com uns dez ou onze anos.// Uma vizinha acusou o marido de abusar das filhas que tinham a minha idade na época. // Esse momento me marcou como o dia em que eu entendi o que passei. // A acusação não foi pra frente, mas essa é uma história para outra hora.//

TEC - Roda TRILHA e vai a BG

LOC - Já a palavra estupro eu não lembro quando aprendi. // Tenho certeza que não foi ouvindo da família. // Não é o tipo de palavra que se fala em um almoço de domingo. // Ainda assim, o medo esteve sempre lá. // Cresci ouvindo as regras necessárias para ser mulher. // Senta direito, não anda na rua sozinha, não usa roupa curta, não bebe, não usa maquiagem forte, sem batom vermelho ein, tá maluca de sair sem sutiã? Vê se não vai provocar ninguém...//

LOC - E essas não eram regras só para a rua, eu também não deveria andar de pijama ou sentar com as pernas abertas perto dos homens da família. // Independentemente se estava na minha própria casa. // Antes mesmo de entender completamente o que eu deveria temer, já sabia que tinha uma série de responsabilidades e deveria cumpri-las à risca. // Hoje vejo que por trás de tudo isso existe uma só ordem: “não seja estuprada”.////////

TEC- Roda VINHETA

LOC - Este trabalho traz relatos de violência sexual e sofrimento psicológico.// Caso esses temas sejam delicados para você, recomendo que prossiga com cuidado e procure apoio emocional se sentir necessidade.////////

TEC - Roda a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

LOC - Duas pessoas são estupradas por minuto no Brasil.// Apenas oito vírgula cinco por cento desses casos chegam à polícia e quatro vírgula dois por cento são registrados no sistema de saúde.// Segundo estimativas de 2023 do Instituto de Pesquisa Econômica

Aplicada, o IPEA, ocorrem oitocentos e vinte e dois mil estupros por ano e mais de noventa por cento das vítimas não conseguem denunciar.// Podem às vezes viver a vida inteira em silêncio, com medo, culpa ou vergonha de contar para alguém.//

LOC - Eu me chamo Danielly Alves e esse é o “Em silêncio”, uma reportagem em áudio seriada que vai se debruçar sobre a cultura do estupro.// Os números iniciais que apresentei sobre o cenário nacional são apenas a ponta do iceberg.// Ao longo dos episódios vamos nos aprofundar em uma das poucas violências na qual a vítima é taxada como culpada do crime.//

LOC - Mais de uma vez enquanto entrevistava vítimas de estupro ouvi que aquela era a primeira vez que sentiam que podiam contar a sua história.// Por isso, o principal objetivo aqui é ouvir.// Para que outras também sintam que podem falar.// Para que não se sintam sozinhas.// Para que não se sintam culpadas.// E caso você também precise ouvir isso: não é e nem nunca foi sua culpa.//////

TEC - Sobe a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

Roda a sonora

[8:27 - *“Mas entre aspas a minha vida era uma propaganda de margarina, até que é um pouco do que acontece comigo o estupro que racha um pouco, sabe?]*

Silencia a trilha

LOC - Conheci a Luiza, essa que você ouviu antes, por indicação de outra pessoa.// Uma das primeiras coisas que ela falou na nossa chamada é que eu poderia deixar a história dela pública porque todo mundo conhecia. // Por isso, vai ser o único nome verdadeiro entre as vítimas de “Em Silêncio”. //

LOC - Natural de Goiânia, a Luiza tem 35 anos, é apaixonada por viajar e formada em história.// É filha de pais separados e vem de uma família branca de classe média.// Estudou em colégios particulares a vida toda e, por conta desses privilégios, demorou para entender o machismo presente no dia a dia.//

TEC - Roda a sonora

[7:25 - *Eu morei um tempo, então, com três homens — meu pai, meu irmão e meu avô. E aí tem um momento que eles dizem para mim não pôr certas roupas porque eu podia provocar*

neles alguma coisa. Eles nunca me fizeram nada, mas depois eu vou entender como essa fala é perigosa, entende? Aí depois eu vou entender que a minha menstruação é errada e que várias coisas que depois na vida adulta eu fui percebendo.]

LOC - No segundo ano do ensino médio, escolheu o México para um intercâmbio.// Seu pai, tio e irmão mais velho já tinham feito o mesmo na juventude só que em outros países, por isso a Luiza sempre soube que faria um também. //

TEC - Roda a sonora

[12:44 - Então, eu fiquei 1 ano e assim, eu fiquei 1 ano e isso longe de uma capital, uma cidade bem pequenininha, todo mundo me conhecia, de repente eu era brasileira, mas de repente eu encontrei uma família, minha família que é muito pequenininha, meus pais já divorciados, então essa sede de família que eu acho que eu tinha, eu encontrei. Então foi algo que me marcou muito, assim. Então eu acabei voltando várias vezes porque algo parece que mexia comigo, assim, sabe?]

LOC - Em 2009, aos 19 anos, a Luiza decidiu voltar pela segunda vez ao México e ficar seis meses.// Dessa vez, foi morar na capital do país, a cidade do México.// Aos finais de semana visitava a família e o namorado que conheceu durante o intercâmbio.//

TEC - Roda a sonora

[16:54 - Eu fui em junho, julho e tava morando e tinha uma semana de férias de recesso do meu curso de espanhol, que eu estudava para pro próximo semestre. Então, eu fui correr, era uma manhã normal, assim. E aí eu na casa que eu alugava um quarto, a mulher falou Ah, vou voltar para casa, que ela corria comigo. Falei: "Não, pode voltar para casa".]

LOC - A Luiza estava correndo em uma avenida grande com pista dupla com canteiros no meio e duas ou três vias em cada pista.// Era início da manhã, em torno de cinco horas, mas carros e ônibus transitavam normalmente.// Enquanto subia a rua para voltar para casa um homem passou ao seu lado.//

TEC - Roda a sonora

[18:23 - E me deu assim uma sensação ruim porque ele tava correndo de calça jeans, eu falei: "Gente, não tá certo esse cara correndo de calça jeans". Aquilo Aquilo me marcou, eu

lembro muito dessa sensação de tem algo errado aqui. E aí ele passou, eu esperei um pouco e fui embora.]

TEC - Roda a sonora

LOC - Alguns quarteirões na frente esse mesmo homem agarrou a Luiza por trás e colocou uma faca no pescoço dela. // Na hora ela já percebeu que aquilo não era um assalto.//

TEC - Roda a sonora

[20:13 - Ele me começa a me dizer que era para eu tirar a roupa, isso num no meio da rua assim, numa pista de corrida, talvez com um pouco menos de luz, mas assim, quem passou viu. E ali ele ele vai conduzindo, né? E eu me lembro muito de estar aí preocupada com tudo menos comigo e eu começo a rezar dentro de mim assim.]

LOC - O estupro durou cerca de uma hora. // A única preocupação da Luiza era com a família e que, caso morresse ali, não iam saber o que aconteceu com ela.//

TEC - Roda a sonora

[21:05 - Então, em algum momento ele para o ato dele e aí ele olha para mim, ele pergunta meu nome, eu invento um nome naquele momento, assim, né, no calor e aí-ele vai fazendo e meu corpo parecia uma assim, parece que eu não tava ali, sabe? Parece que eu tinha ido embora. E em algum momento ele me beija, parece que o beijo é ainda pior do que tudo assim, muito mais íntimo, muito mais presente, aquele cheiro de álcool, de drogas no chão e eu escutando pessoas passando carros e um tempo sem tempo, um tempo sem relógio, um tempo sem saber e um tempo desesperado.]

LOC - A Luiza conseguiu convencer seu agressor a deixar ela ir inventando que tinha uma prova e seus amigos iam perceber que estava demorando.// O homem ainda ameaçou mais algumas vezes.//

TEC - Roda a sonora

[23:20 - Aí, uma hora ele cansa e aí ele põe a minha roupa de volta, assim, e aparecendo meio que um boneco inflável, ali, meio jogada. E aí, ele vai embora e volta e vai vai embora

e volta, ele faz um exercício meio de terror assim de para ver se eu vou levantar, se eu vou gritar]

LOC - Quando finalmente ficou sozinha, ela juntou seus tênis que estavam jogados na grama e sentou em um banco.// Faltava pouco para poder voltar para casa, mas não conseguiu terminar o trajeto sozinha.//

TEC - Roda a sonora

[25:36 - E aí eu vejo um casal que tava andando na rua, assim, correndo de manhã cedo e aí eles me veem e eu lembro muito disso, me marcou muito que a mulher falou para mim: "Ah, a gente viu vocês o tempo todo", mas a gente achou que era que vocês estavam transando, né?"]

LOC - A Luiza pediu para esse mesmo casal se eles poderiam acompanhá-la até o final da rua.// A mulher passou o caminho falando coisas como "eu vi você, será que você não tá mentindo?".// Mesmo enquanto era invalidada, ainda não sentia nada. // É como se não estivesse presente.//

LOC - Quando entrou em casa que todo o desespero chegou de uma vez.// Estava alugando um quarto na residência de uma família e sua primeira reação foi gritar implorando por uma pílula do dia seguinte.// Misturando espanhol e português, logo em seguida conseguiu pedir também autorização para usar o telefone da casa e ligou para a família.//

TEC - Roda a sonora

[27:12 Então a primeira reação é essa reação de: "Por que é que você tá aí? Eu falei para você não ir, as roupas que você usa". Eles ficam chocados com essa palavra. Por muito tempo essa palavra não conseguia ser pronunciada, né? Estupro, fui estuprada. O meu avô vai me dar essa fala que eu acabei com a vida da minha mãe.]

TEC - Roda a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

_____ Troca a trilha e roda em BG depois de 3 segundos

LOC - Apesar da história da Luiza ser o imaginário comum do que é um estupro, essa não é a realidade da maioria dos casos no Brasil.// O estupro que acontece com uma mulher

andando em uma rua e sendo atacada por um estranho, é a minoria.// Em 2024 foram registrados oitenta e sete mil quinhentos e quarenta e cinco estupros no Anuário Brasileiro de Segurança Pública.// Desses, sessenta e cinco vírgula sete por cento, ou seja, mais da metade, aconteceram dentro de casa. //

LOC - É verdade que meninas e mulheres são as principais vítimas, somando mais de oitenta e cinco por cento dos casos.// Cento e noventa e seis mulheres foram estupradas por dia só em 2024.// Mas assim como a rua não é o principal local em que esses crimes acontecem, desconhecidos não são os principais agressores.// Em apenas dois de cada dez estupros registrados em 2024 o criminoso era alguém que a vítima não conhecia.// Familiares e companheiros respondem pela maior parte.//

LOC - A coordenadora do observatório de violência contra a mulher de Santa Catarina e do Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres da defensoria pública, Anne Teive Auras, explica que a violência sexual é um dos crimes mais subnotificados exatamente pelo fato da maioria dos crimes ocorrerem em âmbito doméstico e pelo perfil das vítimas.//

TEC - Roda a sonora

[03:04 - porque as pesquisas que a gente tem nacionais, estaduais, enfim, até mundiais, né? Mostram que a imensa maioria dos casos de violência sexual acontece dentro de casa com vítimas de até 13 anos, né? Ou menores de idade de forma geral. Então, assim, para se pedir uma ajuda, buscar uma delegacia ou registrar um boletim de ocorrência, é, né? São muito poucos casos em que isso de fato é levado ao conhecimento de uma autoridade, né? Normalmente fica ali no âmbito da família e não há essa identificação.]

LOC - Isso significa que temos mais chances de sermos estupradas dentro de casa por alguém da nossa confiança do que na rua por um estranho.// Principalmente quando ainda somos crianças.// Como aconteceu com a Roberta.//

TEC - Roda a sonora

[04:59 - Eu tinha eh tido um pequeno lance com uma menina que eu nem sabia o que que era isso ainda, a gente trocou um selinho e aí a partir desse momento que tinha tudo para ser uma coisa de descoberta, né, aquele o período que a gente tá passando para a adolescência. Eh, o meu padrasto na época, que é, na verdade, é o meu padrasto até hoje,

ele viu esse momento e aí ele usou esse discurso de que ele tinha que aprender a ser mulher. Então, ele começou a usar daquele estupro corretivo.]

LOC - O termo “estupro corretivo” é usado para descrever a violência sexual que supostamente busca forçar uma mudança na orientação sexual ou identidade de gênero da vítima.// É uma forma de querer controlar ou punir pessoas que não se submetem às normas cisheteronormativas.//

LOC - Mas aqui entre nós, estupro corretivo é um termo meio problemático porque dá a entender que existe algo a ser corrigido, quando não há.// Eu vou utilizá-lo apenas porque infelizmente é assim que é conhecido.// Mas que fique claro, não há nada que precise ser corrigido ou mudado nas pessoas que foram vítimas desse crime.//

TEC - Roda a sonora

[13:22 - No primeiro momento, eu passei a me odiar por ser homossexual. Eu realmente acreditei que, se não fosse homossexual, jamais teria vivido aquilo. Demorei muitos anos para entender que o crime foi apenas uma desculpa para justificar o criminoso. Ele sempre teve essa índole, mas precisava de um motivo — e o motivo foi esse. Se não fosse esse, seria outro; se não fosse comigo, seria com outra pessoa, assim como devem existir outras vítimas por aí.]

LOC - De volta ao assunto.// Em 2022 foi realizado um Mapeamento de Vivências Lésbicas no Brasil pela Liga Brasileira de Lésbicas e a Associação Lésbica Feminista de Brasília que entrevistou vinte e dois mil mulheres homossexuais de todo o país.// Um quarto das participantes afirmou já ter sido vítima de estupro e o agressor era uma pessoa conhecida em setenta e cinco por cento das vezes.//

LOC - Foi só em 2018 que o estupro motivado por razões homofóbicas entrou no código penal como um agravante de pena em casos de estupro a partir da Lei nº 13.718.// Essa lei também incluiu no código penal os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro.// Estabeleceu ainda causas de aumento de pena para os crimes de estupro e estupro de vulnerável como: possuir uma relação de parentesco ou poder com a vítima, se resulta em gravidez, se causa uma infecção sexualmente transmissível, se a vítima é idosa ou pessoa com deficiência e se houve estupro coletivo.//

LOC - No caso da Roberta, o crime que ela sofreu foi de estupro de vulnerável com agravantes.// Ela tinha doze anos quando a violência começou.// Durante três anos foi abusada quase todos os dias da semana.// Segundo o Anuário do Fórum de Segurança Pública, o estupro de menores catorze anos acontece mais de segunda a sexta por ser muitas vezes o momento em que a mãe está trabalhando.//

LOC - Um dia, quando já tinha quinze anos, o padrasto chegou em casa enquanto a Roberta estava na cozinha e foi em sua direção.// Naquele momento ela pegou a faca e disse que se ele encostasse nela novamente, iria matá-lo enquanto dormia.// Os abusos sexuais só pararam depois disso.//

TEC - Roda a sonora

[5:50 - *Quando você cresce com uma pessoa praticamente, porque eu era muito criança quando ele começou a se envolver com a minha mãe, ele tomou um espaço que eu ele tava vago, né, que era o espaço de pai. Então, é muito conflitante para para criança, adolescente que tá nesse papel, porque num primeiro momento, você é uma pessoa que está sendo cuidada e daqui a pouco você tá passando por uma violência e tendo todo esse atravessamento na vida]*

LOC - Aquela não foi a primeira vez que a Roberta tentou dar um fim aos abusos.// Ainda com treze anos pediu ajuda à sua mãe.//

TEC - Roda a sonora

[10:54 - *Eu levei isso até ela, e ela falou: “Ah, eu sou o tipo de pessoa que só acredita vendo, e a gente vai montar tipo uma ‘arapuca’.” Eu falei: “Tudo bem.” Passou um período, e ele começou a vir com uns papos do tipo: “Ah, você gosta muito das pessoas da sua família, seria uma pena que acontecesse alguma coisa com elas.” Eu fiquei com medo e voltei atrás. Nesse momento, eu meio que assinei a minha culpa. Eu não quis desmascará-lo, mas era porque estava protegendo a minha família. Achei que ele poderia fazer alguma coisa com eles]*

LOC - Hoje a Roberta acredita que foi a própria mãe que contou para o padrasto sobre a suposta armadilha.//

TEC - Roda a sonora

[11:24 - Assim, ela deu essa informação para ele, porque, por qual razão, justo nesse momento, ele vem e começa com essas ameaças veladas que nunca surgiram antes? Mas justo quando finalmente íamos criar a oportunidade de desmascará-lo, isso acontece. E então, novamente, a minha história foi tida assim como de mentirosa ou como eu tô tentando destruir um relacionamento ou como não foi bem por aí ou você tá gostando, você tá incitando.]

LOC - Assim como a Luiza, a Roberta também foi invalidada.// E pior, pela própria família.// Quase toda vítima já teve que ouvir alguém duvidando da sua palavra.// Apesar do mito de que muitas mulheres inventando estupros, um estudo conduzido por David Lisak, nos Estados Unidos, analisou dez anos de dados e concluiu que 9 entre 10 relatos são verdadeiros.// A falta de apoio é um dos principais motivos de sofrimento para as vítimas.//

TEC - Roda a sonora

[20:43 - Foi muito difícil. Foi muito difícil. Eu simplesmente não sabia onde pertencia no mundo, nem como me reconectar com as pessoas ou me interessar por algo. Parecia que nem eu, nem a minha vida, tinham valor. Porque o fato de você ser abusada não é o que vai definir realmente a sua trajetória, mas o quanto você tem uma rede de apoio. Porque se você tem pessoas que falam: "Poxa, o que você sofreu foi pesado. Nossa, vem aqui que você pode contar comigo. Realmente isso aconteceu, você não está mentindo".]

LOC - A maioria das meninas e mulheres não mentem que foram estupradas, elas escondem.// A historiadora Manuela Veras, especialista em direitos reprodutivos, explica que quando é uma criança como a Roberta, é ainda mais comum ser deslegitimada pela falta de marcas físicas.//

TEC - Roda a sonora

[17:30 - A violência sexual é muito mais difícil a gente ter esse tipo de prova e a gente tem uma uma tradição de acreditar naquilo que é visível e não no relato, principalmente no relato das mulheres, né? Então, eh quando a gente tem uma criança falando, uma adolescente falando, uma pessoa que enfrenta alguma vulnerabilidade falando, até vulnerabilidade econômica, que também é um fator importante quando a gente olha para os dados, normalmente ela é descredibilizada.]

LOC - Mesmo quando a Roberta conseguiu parar os estupros, ainda foi perseguida por ele durante 5 anos.// Nesse período, o padrasto observava tudo que a Roberta fazia dentro de casa, vendo seus cadernos, ouvindo telefonemas, indo atrás quando ela saía com alguém e mexendo em seu computador.//

TEC - Roda a sonora

[06:44 - *Então, assim, ele fez da minha vida um verdadeiro inferno. E aí, para piorar nesse período dos 15 aos 20 anos, eu tive o que a gente chama de um bloqueio mental, né? Então, assim, eu precisei dissociar daquela lembrança, porque era tudo demais, era tudo muito grande.*]

LOC - Atualmente a Roberta atua como psicóloga especializada em trauma, gênero e sexualidade.// Seu objetivo é que outras pessoas não precisem passar pelo mesmo de forma tão desamparada como ela passou.//

TEC - Roda a sonora

[9:36 - *Durante vários momentos, eu pensei em desistir e não via sentido, né? Minha vida era basicamente explosividade, raiva o tempo todo de tudo, ou muita depressão. ~~Eu não conseguia não polarizar, porque tudo era muito grande.~~ Foi muita terapia. Estou há quase 18 anos com a minha psicóloga. E, assim, muita vontade de continuar, porque chega um momento em que você não entende para que está aqui, né? Tudo foi muito errado, e todas as formas que essa história poderia ter tomado, outros caminhos, não tomaram. Então, nesse ponto, sou muito grata. Que bom que eu estou aqui.]*

TEC - Roda a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

LOC - Em 2009, o mesmo ano em que a Luiza foi estuprada lá no México, aqui no Brasil foi publicada a lei que gerou algumas das mudanças mais significativas com relação aos crimes sexuais.// Foi só a partir da lei 12.015 que o estupro começa a ser definido como um crime contra a dignidade sexual em vez de apenas uma violação contra os costumes.// Tem apenas dezesesseis anos que o código penal brasileiro reconhece o estupro como uma violação da própria dignidade humana.//

TEC - Silencia a trilha

LOC - Outra mudança importante foi a reformulação do que é o crime de estupro.// Antes era considerado apenas a penetração do pênis na vagina contra uma mulher.// Com essa lei, o que era considerado atentado violento ao pudor se tornou estupro e a definição ficou mais abrangente.//

TEC - Roda efeito sonoro de digitação enquanto eu falo

LOC - Atualmente, o crime de estupro é definido como “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. // O chamado ato libidinoso abrange qualquer ato sexual praticada contra uma pessoa que tem o objetivo de satisfazer o desejo sexual próprio ou de terceiro, praticado sem o consentimento da vítima.//

TEC - Para o efeito

LOC - A defensora pública Anne Teive Auras explica ainda que outra importante definição de estupro é a estabelecida pela Lei Maria da Penha em 2006.//

TEC - Roda a sonora

[35:10 - *Ela vai vai dizer que violência sexual é qualquer conduta que vá obstar o exercício dos direitos sexuais reprodutivos. Então, ela coloca como violência sexual impedir a mulher de usar contraceptivo, forçar a mulher a gestar, forçar a mulher a um aborto ou obrigar a manter qualquer relacionamento sexual ou ato sexual que ela não deseje.]*

LOC - É importante reforçar que o uso da violência psicológica dentro de relacionamentos para coagir a qualquer ação sexual também é considerado estupro.// Nesse caso, conhecido como estupro marital ou conjugal.// Muitas vezes essa violência não é legitimada por conta da ideia de que existe uma obrigação ao sexo dentro de um relacionamento.// Ainda vamos falar mais sobre esse tipo de crime no próximo episódio.//

LOC - Mas voltando aos tipos definidos em lei.// Existe também o estupro de vulnerável como no caso da Roberta.// Embora tenha elementos em comum com o estupro é um tipo penal diferente.// É voltado a proteger crianças menores de catorze anos ou qualquer pessoa que, por qualquer razão, não tem o necessário discernimento para a prática do ato ou não pode oferecer resistência.// Qualquer ato sexual nessas condições é

automaticamente considerado estupro, mesmo sem uso de força, constringimento ou ameaça.//

LOC - Inclusive, o que normalmente conhecemos por abuso sexual é estupro.// Muitas vezes a falta de penetração ou violência física envolvida faz com que a vítima tente minimizar o que aconteceu e não veja como um estupro.// A psicóloga da Polícia Civil de Joinville, Cristina Weber, explica que normalmente na violência sexual infantil, por exemplo, a falta de penetração é um método para não deixar vestígios.//

TEC - Roda a sonora

[8:26 - *Na verdade, abuso sexual é estupro, né? E com criança conta tanto abuso com contato, quanto sem contato. Conta desde você apresentar um vídeo pornográfico para uma criança, quanto ter algum toque, penetração, enfim, né? Em casos envolvendo crianças, é bem difícil ter penetração, ter atos mais violentos que deixam lesões, que deixam marcas, né? Até porque costuma ser um modus operandi, né, de quem abusa para evitar, deixar vestígios, fica aquela coisa: 'Ah, vai ser a palavra da criança contra minha', né?]*

LOC - A psicóloga é responsável pelo Proteja Uma Criança, um projeto voltado a prevenção do abuso sexual através de oficinas em escolas públicas do estado.// Ela destaca também que a palavra abuso é muito utilizada pelo costume e até como uma forma de aliviar o impacto em quem trabalha com o assunto diariamente.// Porém, existem debates voltados a refletir sobre como abuso pode ser um termo controverso.//

TEC - Roda a sonora

[12:09 - *Assim, existem, eh, teóricos, né, que ao falar a respeito de abuso sexual, eh, não denomina abuso sexual, denomina violência sexual, né? Essa questão de trabalhar o termo violência, porque abuso seria algo, é um uso abusivo, né? Aquilo que passa do uso como se algum uso fosse possível.]*

LOC - Entre as mais de dez mulheres que entrevistei para “Em silêncio” como vítimas, apenas uma não relatou violência sexual na infância.// Mesmo aquelas que pretendiam contar uma história diferente da vida adulta, durante a conversa lembravam e traziam abusos de quando criança.// A sensação é de que quase toda mulher já passou por isso.//

LOC - A Verônica foi um desses casos.//

TEC - Roda a sonora

[26:11 - *No meu caso, foi um irmão. É, ele era, quando começou pela nossa diferença de idade, ele era meio que adolescente, né? E então, é, era, era o que eu tinha mais proximidade, né? Então, justamente por isso que, que para mim foi difícil entender que aquilo era errado, né? E na época, na na minha época não tinha, né, nenhum nenhum tipo de informação, né?]*

LOC - Agendei a entrevista com ela por outra questão e no meio da conversa me contou o que passou na infância.// Hoje ela tem 40 anos e atua com um projeto na internet voltado à prevenção do abuso sexual contra crianças e adolescentes.// Foi só adulta ao estudar direito que entendeu a gravidade do que tinha vivido.//

TEC - Roda a sonora

[22:00 - *Eu acho que o projeto e ele tem muito disso, de voltar olhar nos olhos da minha criança, né? E e dizer: "Olha, Olha, quem você se transformou e hoje você eh hoje a tua adulta, a tua versão adulta está fazendo eh por outras pessoas aquilo que não fizeram por você. Então, acho que isso é te tira, sabe, de um de uma posição passiva, né, de de vítima e te coloca como protagonista, né, de uma nova história.]*

LOC - A Verônica não lembra quando começou, mas a primeira memória que tem da violência tinha cerca de três ou quatro anos.// O irmão pediu para ir a um depósito que ficava no quintal da casa onde moravam e deitar com ele lá.//

TEC - Roda a sonora

[35:37 - *E aí, nesse dia, eu me lembro que que ele ele baixou a minha a minha roupa, não me lembro exatamente com que eu tava vestida e ele tentou uma penetração e foi, né, começou tocar, né, com órgão e e eu senti que doeu e aí eu reclamei e ele e aí ele parou, acho que ele só continuou eh eh esfregando, né, a parte íntima dele e tal. E e assim, né, eu não não não não tinha, tipo, muita noção Achei aquilo ruim, né? Que me doeu, mas, né? Era uma pessoa que eu confiava, então, OK, né?]*

LOC - Depois daquele dia, o irmão da Verônica nunca mais tentou a penetração.// O estupro continuou através de outros toques que aconteciam no sótão da casa da família.// Aos 11

anos outro irmão mais velho descobriu o que estava acontecendo e aquela é a última memória dela das violências.//

TEC - Roda a sonora

[37:45 - *eu só me recordo da cena que, eh, a gente tava debaixo das cobertas, eu tava com a com a roupa abaixada, ele tava, né, acho que tocando, não lembro exatamente e o meu irmão, um dos meus irmãos entrou no quarto e puxou a coberta e viu. É, eu acho que ele também ficou meio em choque, ele também era acho que adolescente, acho que ainda não era, acho que não tinha ainda 18 anos. E assim, sinceramente eu não sei o que que desencadeou daquilo. Mas eu não me lembro de ninguém ter conversado comigo e e dito alguma coisa, né?*]

TEC - Roda a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

LOC - Em 2024 foram registrados sessenta e sete mil casos de estupro de vulnerável no Brasil, um número mais de três vezes maior do que o estupro.// Meninos foram vítimas em onze mil dos casos.// Mas o principal perfil de vítima no país são meninas pretas de até treze anos.// Para se ter uma dimensão, a cada menino vítima de estupro de vulnerável, houve cinco meninas estupradas.//

LOC - Uma pesquisa de opinião realizada pelo Instituto Patrícia Galvão em parceria com o Instituto Locomotiva, revela que seis em cada dez brasileiros conhecem alguma menina de até treze anos que foi vítima de estupro.// Esse número aumenta para sessenta e três por cento quando se trata de casos envolvendo meninas e mulheres com catorze anos ou mais.//

LOC - O levantamento se chama "Percepções sobre Direitos de Meninas e Mulheres Grávidas pós-Estupro" e mostra também que, assim como a Verônica, mais da metade das meninas violentadas antes dos catorze anos nunca contaram a ninguém sobre o abuso e apenas vinte e sete por cento chegaram a falar com um familiar adulto.//

LOC - E essa não é uma realidade exclusiva do Brasil.// De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância, mais de trezentos e setenta milhões de meninas e mulheres vivas hoje sofreram um estupro antes dos dezoito anos.// Isso representa uma em cada oito mulheres no mundo.//

TEC - Sobe a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

Silencia a trilha

LOC - A violência sexual não é um fenômeno novo.// Ao longo da história, as legislações e estruturas sociais contribuíram para sua perpetuação, seja pela omissão do Estado, seja por meio de uma cultura que silencia e invalida as vítimas.//

LOC - Até 2005, por exemplo, o agressor ainda podia se livrar da punição ao se casar com a vítima ou se ela casasse com outra pessoa.// Isso demonstra que o estupro não era visto como uma violação da integridade e dos direitos, mas como uma transgressão que desvalorizava a mulher enquanto propriedade destinada ao casamento.// Mesmo após a mudança na lei, até 2019 ainda havia um artigo no Código Civil que podia ser interpretado como uma brecha para encerrar a punição caso o agressor se casasse com a vítima.//

LOC - Com essa mesma lei, a 11.106 de 2005, outras figuras jurídicas arcaicas e preconceituosas também foram abolidas. // Entre elas estão os crimes de adultério e sedução, e o conceito de "mulher honesta" que por anos estabeleceu uma distinção discriminatória entre mulheres honestas e as públicas que normalmente eram prostitutas.// Escuta esse artigo do código penal brasileiro de 1890://

TEC - Roda sonora com leitura

[Art. 268 - Chama-se estupro o ato pelo qual o homem abusa com violência de uma mulher, seja virgem ou não, mas honesta. Pena – se a estuprada fôr mulher honesta, virgem ou não, um a seis anos de prisão celular. Se for mulher pública ou prostituta a pena é de seis meses a dois anos de prisão]

LOC - Essa foi a primeira vez que o estupro ganhou nome na lei.// Antes disso, o crime até existia, mas não havia um termo específico para defini-lo.// Acompanhar as mudanças na legislação é também entender uma história marcada por lutas sociais e transformações culturais.// Miriam Grossi, pesquisadora e professora da UFSC especialista em antropologia, gênero e sexualidade, explica que os estudos feministas têm se aprofundado na compreensão de como as lutas sociais se transformam em legislação, mas que é um processo complexo.//

TEC - Roda sonora

[50:35 - *Em relação ao estupro, nós fomos mudando a legislação do estupro também, né, ao longo de toda a história do Brasil. Antigamente, o estupro não era criminalizado. O aborto, né? A própria legislação que inclui o aborto no caso de estupro já foi um avanço. Mas nós ainda temos, no caso do estupro, ainda muito a avançar em relação a — digamos — não basta só a criminalização, mas é necessário sim a transformação mesmo da educação e do que se aprende como esperado de meninos e meninas.]*

LOC - Como a professora aponta, é necessário uma mudança cultural já que o estupro não é sobre sexo e não é um crime qualquer.// O estupro é uma relação de demonstração de poder apoiado em valores culturais que reforçam hierarquias de gênero, raça, classe e sexualidade.//

TEC - Sobe a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

LOC - Santa Catarina é considerado um dos estados com as melhores condições de vida do país.// Em 2024, foi inclusive o primeiro colocado no Ranking do Anuário Cidades Mais Seguras do Brasil.// No entanto, nesse mesmo ano, esteve entre os dez estados com as taxas de estupro mais altas do país.//

LOC - Essa dualidade é marcante em Santa Catarina, sempre ocupando posições de destaque em indicadores econômicos e sociais, como renda, emprego e qualidade de vida, enquanto enfrenta outros problemas graves, como altos índices de trabalho escravo, acidentes de trabalho e trabalho infantil.//

LOC - No próximo episódio, vamos mergulhar nessas contradições de Santa Catarina para entender mais sobre como está o cenário dos crimes sexuais no estado e como a cultura do estupro ainda sustenta essa violência.//

TEC - Sobe a trilha

Vinheta de encerramento

LOC - Essa reportagem em áudio é um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.// Os episódios foram gravados nos estúdios do Laboratório de Áudio e Radiojornalismo do Departamento de Jornalismo da UFSC.// Participaram deste episódio: Áureo Moraes na locução de trecho do código penal e a atriz Clara Maia como Verônica.//

LOC - As músicas utilizadas são de bancos gratuitos de áudio e da banda Mulamba, cedidas pelas próprias artistas para utilização neste trabalho.// Produção, roteirização, locução e edição por Danielly Alves.// Técnica de Roque Bezerra.// Orientação da Professora Isabel Colucci.// Florianópolis, dezembro de 2025.//

Roteiro segundo episódio “A cultura do estupro de Santa Catarina”

LOC - Em 2024 viralizou uma postagem no Tiktok com uma pergunta às mulheres: você prefere encontrar sozinha em uma floresta um homem ou um urso?// Eu fiz esse mesmo teste no Campus Trindade da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis.// Para as participantes, a resposta é óbvia.//

TEC - Roda fala povo

LOC - Na internet, os homens duvidaram de quem preferia o urso.// Para eles, isso não fazia sentido.// Alguns comentários falavam:

TEC - Roda sonora da voz de homem

["Quando precisar da polícia, chama um urso pra acudir também/ "Quanta inteligência...vem cá quem deixou as mulheres votar e dirigir heinn?"/ "Essas feministas estão tratando o homem como se fosse a pior coisa do mundo. Sendo que tudo o que ela falou. A mulher também poderia fazer com um homem. Só que o homem iria gostar"/ "Até parece que preferem morrer"]

LOC - Todos esses comentários são reais e foram retirados de um vídeo do *Instagram* em que um homem entrevistou uma mulher fazendo essa mesma pergunta.// São só alguns dos milhares e nem são dos piores.//

TEC - Roda trilha e vai a BG

LOC - Para o comentário que diz “essas feministas estão tratando o homem como se fosse a pior coisa do mundo”.// Vamos lembrar alguns dados.// Entre 2014 e 2025 mais de quinhentos e noventa e um mil meninas e mulheres foram estupradas no Brasil.// No caso, isso é o que se tem registro.// Considerando que, como falei no último episódio, mais de noventa por cento dos casos não chegam à polícia, esse número pode representar menos

de dez por cento do que realmente existe.// Acho que nem preciso falar que motivo para temer, não falta.//

LOC - O que essas pessoas não entendem, é que na maioria das vezes, a menor preocupação de uma mulher andando sozinha é a morte.// E não entendem porque não convivem diariamente com o medo do estupro.//

TEC - Roda sonora fala povo dois

LOC - De acordo com as entrevistadas, o urso é mais seguro porque no máximo ele vai te matar.// Esse é o nível de medo com o qual todas nós convivemos diariamente.// E assim como as outras, eu também prefiro encontrar um urso.// Além de tudo, não tenho chances de ser difamada, culpabilizada e precisar comprovar a minha inocência.// Ninguém atacado por um urso tem que ouvir “mas será que você não gostou mesmo?”.//

TEC- Roda VINHETA

LOC - Este trabalho traz relatos de violência sexual e sofrimento psicológico.// Caso esses temas sejam delicados para você, recomendo que prossiga com cuidado e procure apoio emocional se sentir necessidade.//////

TEC - Roda a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

LOC - Eu me chamo Danielly Alves e esse é o “Em silêncio”, uma reportagem em áudio seriada que vai se debruçar sobre a cultura do estupro.// No primeiro episódio o assunto foi o cenário da violência sexual no Brasil e o que diz a legislação brasileira.// Se você ainda não ouviu o primeiro episódio dessa série, recomendo que pause aqui e volte.// A compreensão é melhor quando escutado em ordem.//

LOC - Nesse episódio, vamos falar de aspectos profundos relacionados ao estupro e nas questões culturais ligadas a esse crime.// Para isso, partiremos da realidade de Santa Catarina.// Estado no qual sou nascida e criada.//

LOC - Santa Catarina é constantemente representada como um dos melhores lugares para se viver.// Foi nesse estado onde dei meus primeiros passos, ralei meu joelho aprendendo a andar de bicicleta e brinquei de boneca com as minhas vizinhas depois da escola.// E foi nele que, na mesma época, fui estuprada na infância e depois na adolescência também.//

LOC - Inclusive foi no estado que aconteceram dois casos de estupro recentes que ganharam repercussão nacional sobre o assunto.// Você provavelmente já ouviu falar da Mari Ferrer e de uma menina de dez anos que passou por um verdadeiro suplício para conseguir acessar o direito ao aborto legal.//

LOC - Para quem não lembra, em 2018, Mari Ferrer denunciou ter sido dopada e estuprada em um beach club de Florianópolis. // Apesar de as perícias confirmarem a presença do DNA do agressor nas roupas dela e o rompimento do hímen, o suspeito foi absolvido em 2021 por falta de provas de vulnerabilidade. // No caso, a Justiça reconheceu que houve relação sexual, mas entendeu que não havia evidências suficientes de que Mari estava vulnerável.// Isso mesmo diante de mensagens, imagens e depoimentos que mostravam seu estado de alteração.//

LOC - O caso ganhou destaque nacional devido principalmente ao tratamento humilhante que Mari recebeu durante a audiência.// A jovem de vinte e quatro anos teve fotos pessoais suas expostas e foi extremamente atacada.// A intensa revolta pública pelo caso resultou na aprovação da Lei Mari Ferrer, que proíbe manifestações ofensivas à dignidade da vítima durante processos judiciais.//

LOC - Escuta um trecho da audiência.//

TEC - Roda audiência Mari Ferrer

LOC - Já em Tijuca, // uma menina, na época com dez anos, grávida, foi com sua mãe ao Hospital Universitário, em Florianópolis, para realizar um aborto legal.// Por ser menor de catorze anos, todo tipo de ato sexual é considerado estupro de vulnerável então automaticamente tinha direito à interrupção da gestação.//

LOC - O drama começou porque o hospital se recusou a fazer o procedimento: a gestação estava com vinte e duas semanas, mas o protocolo interno deles só permitia até vinte.// Importante destacar que não existe nada na lei que fale sobre esse limite, então o aborto legal é permitido independente do tempo de gravidez.//

LOC - O caso chegou à justiça e a juíza Joana Ribeiro Zimmer, da Comarca de Tijuca, tomou a decisão de impedir o aborto.// Determinou até que a criança fosse retirada da

própria família e enviada a um abrigo, sob a justificativa de que a mãe poderia tentar realizar o procedimento ilegalmente.//

LOC - Trechos de uma audiência mostram a juíza e a promotora induzindo a criança a manter a gestação para entregar a adoção.//

TEC - Roda audiência Tijucas

Roda trilha em BG

LOC - Esse comportamento foi muito criticado por configurar violência institucional e revitimização daquela criança.// O Conselho Nacional de Justiça chegou a abrir um Processo Administrativo Disciplinar contra a juíza.// Depois de muito sufoco, ataques de conversadores contra o aborto e violência psicológica, a criança foi liberada do abrigo e conseguiu realizar o procedimento.// Imagina querer obrigar uma criança de dez anos a gestar...

LOC - Essas histórias são aquelas que ganharam atenção nacional, mas para além delas, a violência contra a mulher faz parte do cotidiano catarinense.// É um fator estrutural que ajuda a moldar a realidade sobre a qual vamos falar neste episódio.// E a maioria dos casos não chegam nem nos registros.//

TEC - Sobe trilha por 5 segundos

Silencia trilha

LOC - Santa Catarina é conhecida como um estado tradicional com uma população loira de olho azul, casas de enxaimel, grandes empreendimentos e a famosa Oktoberfest, a maior festa alemã das Américas.// Mas Santa Catarina não nasceu europeia, foi forjada para parecer.//

LOC - A pesquisadora Magali Moser explica que, desde o século dezenove, o governo brasileiro incentivou a vinda de alemães e italianos para a região.// Isso não era uma política de povoamento, mas uma estratégia de branqueamento.// O Estado via negros e indígenas como inferiores e não civilizados.//

LOC - Com o passar do tempo, Santa Catarina passou a ser vista (e a se ver) como um estado “branco”, uma terra de descendentes de alemães.// A própria região do Vale do Itajaí,

localizado na região Nordeste do estado, foi oficialmente batizada de Vale Europeu pela Santur, o órgão estadual de turismo.//

LOC - Mas essas colônias europeias foram erguidas em terras já habitadas pelos povos indígenas que foram expulsos ou exterminados. // Ao mesmo tempo, a presença negra também foi silenciada.// A história do Sul costuma tratar a imigração europeia e a escravidão como fenômenos opostos, o que ignora o fato de que havia pessoas negras escravizadas na região.//

LOC - Toda essa história apagada e silenciada reflete nas contradições presentes no estado.// Ao mesmo tempo que Santa Catarina está em terceiro lugar no ranking nacional de qualidade de vida, de acordo com o Índice de Progresso Social de 2025, também foram registrados novocentos e vinte e um resgates de trabalhadores em situação análoga à escravidão entre 2003 e 2018.// O Estado também esteve até a última década no top três de trabalho infantil no país, segundo o Ministério Público do Trabalho de SC.

LOC - Santa Catarina é inclusive tida como um exemplo de segurança.// Em 2024 foi o primeiro colocado no Ranking do Anuário Cidades Mais Seguras do Brasil.// No mesmo ano, esteve entre os dez estados com as taxas de estupro mais altas do país, na nona posição.// Entre 2020 e 2024, o estado catarinense registrou mais de vinte e dois mil estupros.// Seguindo o padrão nacional, mais da metade, especificamente sessenta e sete por cento dos casos, foram contra vulneráveis.// As informações são do Anuário Brasileiro de Segurança Pública.//

LOC - A Giovana é um desses casos.// Mas a história dela, assim como da maioria, não está registrada nos dados.// Durante toda a minha conversa, ela não conseguiu chamar nada do que passou de estupro.// Nenhuma vez.//

TEC - Sobe a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

TEC - Roda sonora

[39:35 - *Você fica tipo, "Ah, só foi só situação ruim assim". É que o estupro tem uma carga muito pesada, né? Daí a gente fica tipo, ah, não foi tão ruim assim. Mas a gente realmente eu acho que minimiza muito para não ficar uma carga muito pesada né?*

Uma palavra difícil né?

Porra. Uma palavra bem pesada.]

Silencia a trilha

LOC - Se você escutou o episódio anterior então deve lembrar que citei o termo cultura do estupro.// Talvez já tenha ouvido sobre isso antes em algum momento da vida, principalmente se for uma mulher.// Mas pode ser que nunca tenha escutado ou só não sabe muito bem o que significa, então vamos entender melhor.//

LOC - Quando questionei as mulheres se preferem encontrar um homem ou um urso, a resposta unânime pelo urso demonstra como todas nós vivemos constantemente com medo do estupro, mesmo quem nunca foi vítima.// A pesquisadora catarinense Manuela Veras, especialista em história das mulheres e políticas reprodutivas, explica que isso tem tudo a ver com o que é a cultura do estupro.//

TEC - Roda sonora

[0:51 - O conceito surge justamente para mostrar que, quando vivemos nessa noção de violência e terror, todos os homens acabam sendo minimamente beneficiados por isso. Eles passam a ter acesso a privilégios, como poder andar na rua à noite, falar em público com mais facilidade e não ter tanto medo de ser violentados, o que as mulheres não vivenciam. É importante falar de cultura do estupro porque demonstra que não é algo isolado.]

LOC - Por muitos anos, os crimes de estupro não foram tratados como um problema coletivo.// Até hoje ainda existe um pouco desse mito de que é uma violência isolada.// Manuela comenta como foi a partir do livro *Contra a Nossa Vontade*, da escritora estadunidense Susan Brownmiller, que o conceito da cultura do estupro se popularizou.// O clássico da década de mil novecentos e setenta demonstra exatamente o fato do estupro não ser uma monstruosidade individual.//

TEC - Roda sonora

[1:16 - Quando ele é publicado, existia diversas leis nos Estados Unidos e em vários países, no norte e no sul global, que tratavam o estupro como algo isolado e individual. Cada crime era tratado separadamente, como se o caso estivesse resolvido. O conceito e o livro mostram que não adianta tratar apenas os casos individuais, que isso não vai solucionar o problema. A gente tem que ir na raiz da questão e pensar: por que essa violência acontece?]

Qual é o sistema que existe, um sistema de privilégio de uns e falta de acesso de outras que permite que isso perpetue, que isso esteja acontecendo há muito tempo na nossa história?]

LOC - É esse mesmo sistema apresentado pela Manuela que perpetua outro comportamento

que permite os números de violência sexual crescerem todos os anos: a culpabilização da mulher.// Isso também faz parte da chamada cultura do estupro.// Como detalha a professora de antropologia e estudos de gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, Miriam Grossi.//

TEC - Roda sonora

[4:57 - Na verdade é uma explicação de algo que diz respeito à construção da masculinidade e das relações de gênero na nossa sociedade. Onde é pensado, né? Digamos ao aprendizado social, sobretudo por parte da construção da masculinidade, de que os homens devem ser sempre ativos sexualmente e violentos e que as mulheres. Elas estariam, em princípio, digamos, disponíveis, né? As investidas masculinas. Então, essa ideia de cultura do estupro tá vinculado a isso, digamos, a uma noção de moralidade, onde haveriam comportamentos adequados para homens e mulheres. É a ideia de que as mulheres, se não seguem algum comportamentos que são esperados para o gênero feminino, elas vão ser, digamos, estariam provocando uma violência sexual por parte dos homens.]

LOC - É assim que a Giovana se sente e esse é um dos motivos pelo qual não consegue chamar a própria história de estupro.// Mesmo sendo alguém da área de saúde que sabe identificar uma violência sexual, ainda se acha responsável de alguma forma pelo que sofreu.//

TEC - Roda sonora

[30:32 - Eu com tudo, toda e qualquer paciente que fala um décimo de uma coisa que eu falo assim, eu tipo, isso é estupro. Isso não existe. Ai, porque não sei o que. Não, isso é estupro. Isso não precisa ter penetração para ser estupro, não tem nada a ver, porque a culpa não é tua e tal. Eu defendo assim com unhas e dentes os pacientes. Mas quando é comigo, a minha vez eu só fiquei tipo, mas eu tava bem bêbada, né?]

LOC - A Giovana diz que fazer piada é sua válvula de escape.// Então não estranhem se a conversa vier acompanhada de risadas nervosas ou comentários irônicos.// Mesmo que a voz que você escute não seja a dela, foi dublada o mais próximo possível do jeito de falar e mantendo as mesmas palavras.//

TEC - Roda sonora

[46:53 - *Tudo que eu falo eu dou risadinha, porque se não for rir eu vou fazer o quê? Eu vou ficar chorando, não dá. Nossa, realmente assim, mas o antidepressivo ansiolítico mudou a minha vida, caramba, tá? Que às vezes eu fico pensando, como é que eu lidaria com isso aí sem o remédio?]*

LOC - Ela relatou três estupros.// Hoje tem vinte e dois anos e esse que vai ser contado agora foi no carnaval quando tinha dezesseis.// Na época, já tinha passado pelo primeiro, que foi aos onze anos, com um professor.// Isso a afetou profundamente.// Por isso, cedo na adolescência desenvolveu comportamentos autodestrutivos como o abuso de álcool.// No próximo episódio vou me aprofundar mais nessas consequências psicológicas que as vítimas de estupro passam.//

LOC - Voltando ao carnaval, a Giovana tinha combinado de sair com uma amiga para uma festa. // As duas beberam muito e ela pediu para ir embora já que não estava se sentindo bem.// Não lembra de detalhes depois que chegou em casa, apenas da amiga indo embora.//

TEC - Roda sonora

[23:23 - *Mas ela só me falou tipo: 'Ai, minha prima veio, veio me buscar agora, porque a gente vai para uma outra festa, mas eu vou chamar alguém para ficar cuidando de você'. E daí ela... Cara, como é que pode? Ela chamou um cara que eu tinha ficado no carnaval. Que eu não conhecia. Eu com 16, ela chamou um cara de uns 20 e poucos anos de faculdade, que eu tinha ficado no carnaval naquele dia. E daí ele foi para minha casa e daí ela recebeu ele na minha casa, deixou ele comigo, padre, desmaiada no sofá, e foi embora.]*

LOC - De manhã acordou sem roupa e sozinha.//

TEC - Roda sonora

[23:49 - *Eu tipo não me lembro da metade do que aconteceu. De manhã, ele tinha ido embora e daí eu, tipo, fui no lixo, não encontrei camisinha. Eu pensei: "Ah, que bom". E agora? Daí eu, com 16 anos, morta de ressaca, cuidando, tipo, botei uma roupa e fui na farmácia comprar uma para pílula do dia seguinte. Daí aquele dia ainda me senti uma vagabunda... Meu Deus, nossa, me senti uma puta mesmo. Tipo, nossa, tudo, são coisas que eu jamais falaria para alguém, né?]*

LOC - O que a Giovana viveu foi um estupro de vulnerável.// Vamos voltar rapidamente no último episódio para lembrar a tipificação do crime:

TEC - Roda sonora

[É voltado a proteger crianças menores de catorze anos ou qualquer pessoa que, por qualquer razão, não tem o necessário discernimento para a prática do ato ou não pode oferecer resistência. Qualquer ato sexual nessas condições é automaticamente considerado estupro, mesmo sem uso de força, constrangimento ou ameaça.]

LOC - Estar inconsciente por qualquer motivo que seja faz com que a pessoa não tenha o necessário discernimento nem o poder de oferecer resistência.// Um homem de vinte anos querer fazer sexo com uma adolescente de dezesesseis anos que está completamente bêbada...não tem outro nome para isso além de estupro.//

LOC - Porém, ter a consciência racional disso e de que não somos responsáveis por essa violência, não impede a culpa.// É algo que persegue as vítimas de estupro.// Seja por acusações dos outros ou até de nós mesmas.// A sensação de ter descumprido alguma dessas normas sociais, as quais somos submetidas a vida inteira, faz a gente se sentir responsável pelo que aconteceu.// Infelizmente, nem a lógica consegue fazer esse sentimento sumir às vezes.// Como explica a professora Miriam.//

TEC - Roda sonora

[46:40 - A gente não é um indivíduo sozinho no mundo. A gente age de acordo com regras sociais, tá? E então é isso que eu tô te dizendo. Quer dizer, mesmo que a gente seja feminista, saiba que a culpa não foi minha. mesmo que a gente, seja feminista e saiba que a culpa não foi minha, se eu for se eu for violentada, eu vou justamente, eh eh digamos, reviver esses comportamentos, eh eh digamos, esses aprendizados de que ao longo de toda

minha vida eu tive, ó, cuidado, não sai de noite sozinha, cuidado, eh não põe qualquer roupa, olha, essa roupa tá muito degotada, onde é que tu vai?]

LOC - Essa não é uma realidade exclusiva de um só lugar.// Porém, segundo Manuela, que além de pesquisadora é professora da escola do Legislativo, o uso dessa culpabilização é muito comum em Santa Catarina.// Constantemente durante trabalhos realizados em escolas pelas cidades catarinenses surgem denúncias de violência sexual.//

TEC - Roda sonora

[5:11 - Existe primeiro a culpabilização da vítima, que é algo muito comum de maneira geral, mas também o medo de levar em conta o que aquela menina estava falando. Porque falando de estupro, né? A maioria das vítimas de violência sexual no Brasil tem menos de 14 anos, 60% um pouco mais de 60% tem menos de 14 anos. E se já é difícil para uma mulher adulta denunciar e ser levada a sério, quando se trata de uma criança, o que eu percebi é que tem muitas mulheres que têm medo de também serem penalizadas por dar visibilidade para aquele caso, dar visibilidade para aquela criança.]

LOC - Outra questão regional percebida pela pesquisadora é o medo de denunciar para quem vive em cidades menores.// Em Santa Catarina, noventa e cinco por cento dos municípios têm menos de cem mil habitantes.// E ainda, cento e sessenta das duzentas e noventa e cinco cidades do estado contam com menos de dez mil habitantes.// Então a maioria das cidades é bem pequena.// Conforme a estimativa populacional divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE.//

TEC - Roda sonora

[6:00 - Em cidades pequenas que todo mundo se conhece, todo mundo sabe da história de todo mundo, as famílias são bem relacionadas, conhecem há quatro, cinco, seis gerações. Existe muito essa apreensão de mexer nessa ordem social que tá muito posta, né? E às vezes a falta de denúncia de um caso de estupro vem também do fato que a mulher também foi estuprada, outras pessoas foram estupradas e não puderam falar. E daí a gente tem essa perpetuação da cultura de silêncio, que é algo que eu percebo muito frequente aqui.]

TEC - Sobe a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

Silencia a trilha

LOC - Como o próprio termo já diz: cultura do estupro.// Isso não é algo que nasce do nada, existe uma formação cultural.// Miriam Grossi observa que, para um homem acreditar que tem o direito sob o corpo de uma mulher, é porque na nossa sociedade existe uma tradição histórica onde essas relações de gênero são moldadas assim.//

TEC - Roda sonora

[20:17 - *Essa masculinidade se constrói, é construída por um aprendizado do uso da violência e na disputa da masculinidade. Então, um homem de verdade é um homem que sabe usar da violência, que não leva desaforo para casa, que vai bater nos colegas e tal. Quer dizer, a violência ela é constituída, instituidora da masculinidade.*]

LOC - Uma masculinidade construída a partir da violência.// Uma feminilidade baseada na submissão.// Dentro dessa lógica, o estupro se torna a expressão da dominação que os meninos aprendem a exercer e as meninas a aceitar.// O estupro é exatamente uma das ferramentas de controle e dominação utilizada pelo homem.// Tanto que em períodos de conflitos a violência sexual é sempre usada como uma forma de opressão.//

TEC - Roda sonora

[14:50 - *A gente tem, né? Casos históricos como o que aconteceu na guerra dos Balcãs e que foi muito, né? Registrado...que foi isso, o estupro étnico, né? Onde as mulheres foram colocadas em campos de concentração e violadas sistematicamente justamente para produzir, para produzirem crianças da etnia dominante. E isso se viu também na África, em Ruanda. E então, né? Eu acho que são alguns exemplos já estudados e é históricos, Disse agora pouco se fala.*

Mas tem estudos mais recentes mostrando, por exemplo, quando durante a Segunda Guerra Mundial, quando o exército soviético entrou em Berlim. Isso, né? Os estupros das mulheres alemãs foram sistemáticos. Ali, no final da Segunda Guerra Mundial, ou seja, o estupro como uma arma de guerra. É usado como uma demonstração de poder. Poder masculino sobre o outro grupo social.]

LOC - O Projeto DNA do Brasil confirmou que a própria base do nosso país vem do estupro sistemático das mulheres africanas e indígenas durante a colonização, um processo que assim como a guerra, é de dominação.// Segundo a pesquisa, setenta por cento das mães que deram origem à população brasileira são africanas e indígenas mas setenta e cinco por

cento dos pais são europeus.// O mesmo padrão se repete em outros países latino-americanos colonizados pela Europa.//

LOC - Esse estupro colonial foi, no entanto, transformado ao longo do tempo em uma narrativa romântica.// Quem não lembra da história de Iracema de José de Alencar?// A mulher indígena encontra o colonizador e se apaixona por ele.// A história fez de tudo para tornar o estupro em um suposto encontro amoroso.//

TEC - Roda sonora

[28:34 - *A ideia de que havia uma sexualidade, um corpo nu disponível ao colonizador e essa mesma narrativa ela vai se constituir em cima dos corpos das mulheres negras como corpos sexualizados, passivos, mulheres disponíveis, mulheres mais quentes sexualmente e que digamos vão ser instrumentalizadas e usadas, né, como instrumento como, digamos, corpos para o prazer do dono de escravos, né, do proprietário daquelas mulheres]*

LOC - Como a professora Miriam demonstra, o estupro faz parte da nossa formação como país.// E Santa Catarina não é diferente.// Apesar do estado tentar apagar essa história, essa violência colonial e contra as mulheres indígenas é algo recente. //

TEC - Roda sonora

[32:18 - *Nos anos mil e novecentos, até as décadas de mil novecentos e vinte e mil novecentos e trinta, ainda havia genocídio real de populações indígenas em Santa Catarina. Junto com o genocídio indígena, existem muitos relatos — e ainda hoje há pessoas que dizem: ‘a minha avó’ ou ‘a minha bisavó foi laçada’. Isso quer dizer que ela era uma mulher indígena capturada, incorporada à força em famílias de colonos europeus aqui no estado.]*

LOC - Para ela, essa colonização no estado deixou marcas profundas que continuam na sociedade catarinense.//

TEC - Roda sonora

[40:01 - *Então, hoje, o que a gente pode entender dessa violência em Santa Catarina, de maior número de estupros, me parece muito diretamente ligada, se a gente for pensar, não apenas sobre essa negação da história de violência que a gente tem aqui, mas de uma construção de uma noção de branquitude como superior. E nessa noção de branquitude*

como superior, ela é isso. Nós temos todos esses movimentos atuais, globais, e que aqui em Santa Catarina é o berço deles no Brasil — movimentos da extrema direita global que se originam dessa supremacia branca, masculina, e que aqui em Santa Catarina é o lugar onde isso mais acontece.]

LOC - Manuela Veras, que é de Santa Catarina e estuda história, concorda com os impactos que essa formação gerou.// Entretanto, para ela, o número crescente de violência sexual se relaciona muito também com a maneira que a política é feita hoje.//

TEC - Roda sonora

[10:05 - Porque quando a gente tem uma política formal que faz a gente se acostumar com ódio e trata o ódio como se fosse algo normalizado, na prática a gente também vai inserindo um pouco dessa cultura nas nossas relações, na maneira como a gente trata as pessoas. E quando a gente está dentro dessa ideologia, quando a gente está falando de pessoas que realmente utilizam o ódio como uma estratégia política, fica muito mais fácil desprezar uma minoria, desprezar alguém que já é historicamente discriminado, né?]

LOC - A crescente da extrema direita em Santa Catarina é uma preocupação para a historiadora.// De acordo com Manuela, um dos pilares dos partidos é essa dominação dos homens sobre as mulheres.//

TEC - Roda sonora

[13:09 - Até as mulheres que conseguem, em partidos conservadores, em partidos de extrema direita ou de direita radical, entrarem na política, ainda assim o discurso delas é voltado para reafirmar que elas estão lá, mas não deixaram de cumprir o papel delas. O papel de ser mãe, de ser esposa. De servir. De servir. E justamente essa lógica de ser esposa, até pouquíssimo tempo atrás, até a década de 1980, era muito relacionada a estar sexualmente disponível.]

TEC - Sobe a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

Silencia a trilha

LOC - A noção de que a esposa deve manter relações sexuais por obrigação dentro do relacionamento está diretamente ligada à cultura do estupro.// Se fora de um casamento, o homem já é socializado para se achar no direito do corpo de outra mulher, dentro de um relacionamento essa crença é ainda mais presente.//

LOC - De acordo com o Relatório sobre a Situação da População Mundial, publicado em 2021 pelo Fundo de População das Nações Unidas, em cerca de vinte e dois por cento dos países do mundo ainda não existe nenhuma legislação que considere crime o estupro cometido dentro do casamento.//

LOC - No Brasil, como contei no episódio anterior, esse tipo de crime é abrangido pela Lei Maria da Penha desde 2006.// Mesmo assim, muitas vítimas não reconhecem o estupro.// isso acontece tanto porque normalmente já estão em um ambiente com outros tipos de violência quanto porque ainda existe a visão de que o sexo é essa obrigação.//

TEC - Roda sonora

[25:47 - *É como se fosse assim, como se fosse tipo obrigação minha e exatamente, porque eu tava num relacionamento, né? Tipo, poxa, meu companheiro, então, eu tenho que fazer isso, mas muito mais vinculado a ele me manipular e usar o meu processo de culpa e colocar as coisas contra mim e me fazendo sentir culpada.]*

LOC - Essa que você ouviu é a Vanessa.// Atualmente ela tem 43 anos e depois de uma vida de abusos, conseguiu vencer o ciclo da violência.//

TEC - Roda sonora

[00:56 - *Eu acho que assim, ó, a a minha a minha história dos ciclos, de relacionamentos abusivos, a semente delas tá na infância, né? Eu na infância eu passei por por eh dois abusos, né? Um deles foi pelo meu padrasto, né, quando eu tinha 12 anos mais ou menos. O primeiro abuso foi quando eu tinha mais ou menos uns 8 anos na casa dos meus pais, eles nunca perceberam nisso, né?]*

LOC - Por mais que a gente utilize o termo abuso, é importante lembrar que todo ato sexual com uma criança é considerado estupro.// Quando a Vanessa diz que o antigo parceiro utilizava dos processos de culpa que tinha, são exatamente esses decorrentes dos estupros que sofreu na infância.//

[6:53 - *Então assim, isso é uma coisa que ficou no meu inconsciente, fica no teu inconsciente, sabe? E eu sempre senti muita culpa e eu não sabia o porquê, não entendi o porquê. Hoje eu entendo e é muito curioso assim, porque num relacionamento abusivo é*

parece que os caras sabem, consciente ou inconscientemente, assim, eles trabalham exatamente no teu processo de culpa, sabe? Tipo assim, e aí que a manipulação entra e que ela é extremamente perigosa, assim. É exatamente aí que entra a agressão emocional, né?]

LOC - A Vanessa passou por três relacionamentos abusivos.// Os dois primeiros marcados por muita violência psicológica e financeira.// Já durante o último, que durou dois anos, também foi agredida fisicamente, ameaçada e perseguida.// Está no momento sob medida protetiva.//

LOC - Ela, assim como boa parte das mulheres na mesma situação, demorou para conseguir enxergar o estupro dentro do relacionamento.// Exatamente pela fragilidade psicológica em que estava por causa das violências.//

TEC - Roda sonora

[7:20 - Várias vezes, hoje me recordando, eu tive relações sexuais que eu considero como estupro, porque tava vinculado a uma manipulação e e ou elas aconteceram depois de agressões psicológicas, assim, de eu tá muito machucada com eles, né? Ou física ou psicológica, né? E isso eu obrigada, tipo, e assim, sabe, e eu ter relações, às vezes era à noite e eu chorando, sabe? Tipo, chorando num processo de angústia, tipo, horrível, sentindo dores, sabe? Tipo, super mal, tipo, é, é, e só que assim, sem entender o que que tava acontecendo, assim, né?]

LOC - Estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher na Lei Maria da Penha: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial.// A violência psicológica é até hoje uma das mais difíceis de reconhecer mesmo sendo extremamente comum.// Quando o homem faz chantagens emocionais, fica te vigiando, ameaça, constrange, isola de amigos ou família, insulta ou o que a Vanessa descreveu ali de distorcer os fatos para fazer a mulher duvidar de si mesma.// Tudo isso faz parte da violência psicológica.//

LOC - Para existir estupro dentro de um relacionamento, não é preciso que haja violência física.// Muitas vezes, na verdade, ele vem acompanhado de uma série de agressões psicológicas.// Um homem pressionar para que a mulher tenha relações, ou tentar de alguma forma manipulá-la para isso, é estupro.// Não é porque você insistiu tanto que sua parceira cansou de dizer não que o que está fazendo deixou de ser estupro.// Consentimento que vem a base de chantagem emocional não é consentimento.//

TEC - Roda sonora

[18:14 - *Eu não quis transar com ele, eu estava bastante machucada. Ele falou assim: "Tá, se você não quiser transar comigo, então vou ter que procurar alguém na rua?" Tipo, surreal, né? Surreal. Hoje eu percebo quanto eu estava fragilizada e adoecida para viver situações desse tipo.]*

LOC - E não é necessário que envolva penetração, como já foi dito algumas vezes.// É qualquer ato sexual contra a vontade da mulher.// Sabe aquele oral que você só aceitou fazer porque o cara te fez se sentir culpada por não estar cumprindo com o seu suposto papel? Ou quando estava tão cansada emocionalmente que deixou ele se masturbar em você só para não surtar e te xingar? Isso também é estupro.//

LOC - A verdade é que a maioria das pessoas tem a ideia do estupro como algo que necessariamente envolve uma violência física.// E esse é um dos motivos que mais dificulta a identificação dele.// Principalmente para vítimas de violência doméstica.//

LOC - A psicóloga Patrícia Pioner atua na Central Especializada de Atendimento às Vítimas de Crimes, de Atos Infracionais e de Violência Doméstica e Familiar de Santa Catarina e comenta que é comum as vítimas chegarem ao serviço falando que foram obrigadas, mas sem conseguir identificar como um estupro.//

TEC - Roda sonora

[26:52 - *às vezes a mulher ela tá, por exemplo, numa situação muito vulnerável, né, é É, tá doente, enfim. E não tá a fim de transar e aí o cara obriga e aí elas comentam assim: "Ah, porque ele me obrigou a transar com ele naquela situação", né? E isso sempre acontecia, ele sempre manipulava, se a gente não transava, é, ele ficava mal-humorado, ele ficava, me tratava mal. Mas nunca nenhuma dessas que relataram a dessa questão da manipulação, da violência psicológica, nenhuma delas usou a palavra ah, eu fui estuprada, eu fui abusada, né?]*

TEC - Sobe a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

Silencia a trilha

LOC - A Lei Maria da Penha inclusive não protege apenas quem é casada.// Sabe a Giovana? Aquela que você ouviu mais lá no início do episódio.// Eu comentei que ela me relatou três estupros, certo? Um aos onze, outro aos 16 e quando a gente conversou tinha sofrido um há pouco tempo.//

TEC - Roda sonora

[1:19:34 - *É engraçado, né? Porque se fosse tipo, com a minha amiga, eu ia caçar esse homem no inferno. Eu daí comigo acontece e é um 'quem nunca passou por uma coisa meio ruim assim'. Foi bem assim, eu cheguei em casa e fiquei ah que date péssimo, que date ruim. A gente vê meio em terceira pessoa assim, para não sentir, sabe?]*

LOC - Ela estava trabalhando há pouco tempo em um lugar novo e ali conheceu um cara com quem aceitou sair para jantar.// No final do encontro, o homem sugeriu ir para um motel. // Ela não queria, mas ficou insegura de negar.//

TEC - Roda sonora

[1:11:10 - *Ai mulher às vezes não quer incomodar e fica se submetendo em umas situações horríveis. Mas eu fiquei, eu já estava meio assim, mas eu pensei: 'Ah, já tá aqui, né? Falar para ir embora. Vai ficar bravo'.]*

LOC - A violência começou logo que os dois entraram no quarto.// O homem tentou arrancar as roupas da Giovana que pediu para ir com calma.// Aquela foi só a primeira vez de muitas em que foi ignorada por ele.//

TEC - Roda sonora

[24:59 - *Daí o cara, tipo, começou a insistir horrores, horrores, horrores, horrores, horrores, horrores, horrores para fazer sem preservativo e eu tipo, não, por favor. Não. Pedi por favor várias vezes, ele ignorou completamente.]*

LOC - Quando a Lei Maria da Penha fala sobre estupro ser também tudo que vai contra os direitos sexuais e reprodutivos, isso inclui não usar preservativo contra a vontade da mulher ou tira-lo no meio da relação sem autorização.// Isso que a Giovana relatou do homem forçar a mulher a não usar camisinha infelizmente é muito comum.// Mas é estupro.//

LOC - A violência não parou por aí.// Ela foi agredida fisicamente e queimada com cigarro.// Para ele, o espancamento durante o ato era apenas um fetiche.// Independente do sofrimento dela e das vezes em que pediu para parar.//

TEC - Roda sonora

[25:15 - *ele me bateu tanto, tanto, tanto, tanto, tanto, tanto, tanto. Nossa, me bateu absurdos e eu tipo, pedindo por favor para ele parar. —Ele me deu tanto tapa na cara. Eu falei: 'Eu tô morrendo de dor'. 'Tem como parar?' e ele tipo, não, porque quem manda aqui sou eu.]*

LOC - O homem também a filmou sem consentimento.// Novamente, outro crime.//

TEC - Roda sonora

[31:59 - *Eu tipo: 'Não tira foto, eu não quero' e ele filmou a minha cara. E eu: 'Por favor, eu não quero'. E ele tem no celular dele que ele ignorou tudo que eu falei, filmou e eu tirei o celular da mão dele e ele pegou de novo e me deu um tapa. E daí tá lá no celular dele]*

LOC - Lembra que em 2018 foi adicionado o estupro corretivo e a importunação sexual no código penal? Então, nesse mesmo ano também foi sancionada a lei 13.772 que estabeleceu como crime o registro não autorizado da intimidade sexual.// Qualquer registro, por qualquer meio, de uma cena sexual sem autorização dos participantes, é crime.// Inclusive, fazer montagens para incluir alguém nesse tipo de registro também é crime.// E sim, isso só entrou na legislação em 2018.//

LOC - Do começo ao fim, tudo que a Giovana falou foi ignorado.// O motel ficava longe da casa dela e na beira de uma rodovia.// Sem saber o que fazer e com medo, ela cansou de falar não.//

TEC - Roda sonora

[1:17:46 - *eu fiquei meio com medo, tipo ou eu vou continuar falando não e daí ele vai ser bem mais violento comigo, ou ele vai jogar pro caralho, ele vai me deixar sozinha aqui. E daí eu vou ficar de madrugada, longe da minha casa, tipo, ele vai embora, ele vai me deixar aqui. Então eu fiquei com medo de ou vou apanhar muito mais ou eu vou ficar jogada aqui na beira da estrada e eu acho que vai ser mais perigoso para mim. Ali eu me senti uma*

criança de novo. Me senti exatamente quando, como eu me sentia com os 11 anos assim, porque eu fiquei muito, é... Não sei se eu continuo a negar assim e daí ele vai continuar me ignorando, daí eu acho que vai ser pior, porque daí não sei, vou estar me sentindo mais abusada, porque daí eu vou estar tipo, por favor, não e a pessoa vai estar foda-se. Ou eu só fico quieta, paro, desisto, espero acabar e vou embora. Daí pelo menos vou me sentir menos abusada. Porque daí eu vou sentir que eu não precisei falar não. Mais vezes ainda..]

LOC - O estupro aconteceu num sábado.// No domingo a Giovana ainda trabalhou o dia todo, com muitas dores.// As marcas de roxo estavam espalhadas por todo o corpo.// Inclusive, as cicatrizes de queimadura.//

TEC - Roda sonora

[27:50 - Eu fiquei 30 dias tomando remédio, porque ele ignorou completamente tudo que eu pedi. É isso. Daí foram uns dois dias assim muito ruins, os dois dias seguintes, assim, que eu fiquei que merda de vida. Odeio, odeio ser mulher. Às vezes é insuportável. Esse último cada lágrima que eu derrubei naquele motel eu pensei cara, eu odeio viver. (pausa) mas engraçado, né? Mesmo depois a gente adulta assim, tipo, tendo ciência das coisas, ainda acontecem umas coisas assim. É muito frustrante...muito frustrante.]

TEC - Roda trilha por 5 segundos e vai a BG

LOC - A Giovana só tem vinte e dois anos.// Assim como eu e quase todas as mulheres com quem conversei, foi violentada mais de uma vez antes mesmo de chegar aos dezoito.// Antes de uma mulher poder ter uma carteira de motorista, ela já sabe o que é ter o corpo invadido, machucado e controlado.//

LOC - Ano passado eu li o livro “A Vida Nunca Mais Será a Mesma” da jornalista brasileira Adriana Negreiros.// Ela também foi vítima de estupro e uma frase que escreveu me marcou muito: “Será que em algum momento durante o estupro, o estuprador pensa que tá fodendo a vida daquela mulher pra sempre?”//

LOC - Eu chorei tanto quando li isso.// Sempre me questionei se aqueles que me agrediram sabiam o tanto que sofri tentando lidar com aquilo que eles fizeram comigo.// O quanto mesmo que eu tenha superado, mesmo que minha vida tenha seguido, eu nunca mais seria

a mesma.// Quando eu conversei com a Giovana ela me disse algo que me lembrou desse mesmo sentimento.//

TEC - Roda sonora

[20:20 - *Se é comigo, eu já fico: 'Ah, já aconteceu tantas vezes, que que é mais uma, né?'.
Aí, hoje em dia, ainda mais hoje em dia, assim, eu tenho um negócio de que eu já desisti um pouquinho de mim.*]

TEC - Roda sonora com eco

[eu já desisti um pouquinho de mim]

TEC - Sobe a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

Silencia a trilha

LOC - O estupro não acaba na violência.// As marcas dele se estendem na vida, no corpo e na mente.// E quando isso acontece na infância, as consequências são ainda mais profundas.// No próximo episódio vamos nos aprofundar nesses impactos psicológicos, em como é a vida após a violência e qual estrutura existe em Santa Catarina para apoiar as vítimas nesse processo.//

TEC - Sobe a trilha

Vinheta de encerramento

LOC - Essa reportagem em áudio é um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.// Os episódios foram gravados nos estúdios do Laboratório de Áudio e Radiojornalismo do Departamento de Jornalismo da UFSC.// Participaram do episódio: Victor Lebarbenchon, Rafael Cardoso, Ibrahim Khan e Carlos Locatelli como vozes dos comentários da internet, Maria Antônia Gomez como Giovana e Flávia Dreher como Vanessa.//

LOC - As músicas utilizadas são de bancos gratuitos de áudio e da banda Mulamba, cedidas pelas próprias artistas para utilização neste trabalho.// Trechos de audiência retirados do Intercept Brasil// Produção, roteirização, locução e edição por Danielly Alves.// Técnica de Roque Bezerra.// Orientação da Professora Isabel Colucci.// Florianópolis, dezembro de 2025.//

Roteiro terceiro episódio “Sobre viver o depois”

LOC - Este trabalho traz relatos de violência sexual e sofrimento psicológico.// Esse episódio em específico tem ainda mais detalhes e pode ser especialmente sensível.// Caso esses temas sejam delicados para você, recomendo que prossiga com cuidado e procure apoio emocional se sentir necessidade./////

TEC - Roda trilha e vai a BG depois de 5 segundos

LOC - Eu tinha cinco anos quando aconteceu.// Ou algo próximo disso.// A memória ficou bloqueada por tanto tempo que acabei esquecendo da maioria dos detalhes.// Você sabia que é possível esquecer de algo tão horrível?// Algumas vezes o cérebro não consegue processar a informação, então ele faz de tudo para que você não lembre.// Outras vezes é só porque a criança ainda é nova demais.//

LOC - Ele era um vizinho, amigo próximo da minha família e tinha duas filhas pequenas, uma da minha idade e outra mais nova.// Um cara comum, como os estupradores normalmente são.// Eu ia direto na casa delas para brincar e um dia fomos na piscina.// Lembro de sair da piscina, todas as três levadas por ele para tomar banho no chuveiro da casa.//

LOC - A partir desse momento, tudo fica confuso na minha memória.// Eu lembro de estar no banheiro com as outras meninas.// Lembro dele me pedir para tirar a roupa e falar que ia nos dar banho.// Lembro que a menina mais nova estava sentada no chão do chuveiro brincando com peças que você usa na praia, sabe?// Para construir castelos de areia.// Eu e a filha mais velha dele estávamos em pé, na frente do box e viradas para ele.//

LOC - Por muitos anos eu duvidei das minhas memórias.// Achava que de alguma forma tinha inventado aquilo.// Mas uma frase ficou gravada na minha cabeça e toda vez que eu pensava nela, ficava enjoada.// Nas poucas vezes em que contei essa história, nunca conseguia falar aquilo em específico.// O irônico é que lembrar tão claramente dessa frase foi o que me convenceu de que tudo era real. // A minha mente de criança jamais poderia inventar algo assim.//

LOC - Ali naquele banheiro, comigo sem roupa do lado das filhas dele, aquele homem de talvez trinta e poucos anos virou pra mim e falou “agora eu vou lavar a sua bucinha”.

LOC - E essa é a última coisa que eu me lembro.

TEC - Roda VINHETA

Sobe trilha e vai a BG depois de 5 segundos

LOC - Eu me chamo Danielly Alves e esse é o “Em silêncio”, uma reportagem em áudio seriada que vai se debruçar sobre a cultura do estupro.// No último episódio falamos sobre Santa Catarina e como essa cultura se apresenta em um dos estados com maiores índices de qualidade de vida.// Enquanto ao mesmo tempo possui uma das taxas de estupro mais altas do país.// Se você ainda não ouviu, é melhor voltar lá e escutar.// Essa série precisa ser ouvida em ordem.//

LOC - Antes de começar esse terceiro episódio quero agradecer de coração a todas as mulheres que decidiram confiar a mim os sentimentos que vão ser representados aqui.// Esse episódio é sobre a vida depois do estupro.// E sobre o caos que é conviver com isso.// Foi só produzindo esse trabalho que comecei a me sentir menos sozinha com o trauma.// Espero que ouvi-lo faça você se sentir assim também.//

TEC - Sobe trilha e silencia depois de 5 segundos

LOC - Eu nunca consegui lembrar mais nada e tento não me torturar preenchendo as lacunas com suposições.// Prefiro acreditar que tudo acabou ali.//

LOC - Como contei no primeiro episódio, só fui encarar essas memórias por volta dos meus dez anos quando a ex-esposa dele o acusou de abusar sexualmente das filhas e de violência doméstica.// Parece que naquele momento, consegui entender o nome do que tinha acontecido.// Mas foi só produzindo esse trabalho que aprendi que o nome não é abuso, é estupro.//

LOC - Não foi a última vez que o vi, ou que fui em sua casa.// Lembro muito bem de ir lá brincar com as minhas vizinhas e sair correndo pra minha casa antes dele voltar do trabalho.// Eu não entendia o motivo, mas morria de medo mesmo assim.//

LOC - Quando as acusações contra ele vieram, minha mãe chegou e me perguntou se algo já tinha acontecido.// Eu neguei.// Como disse, passei anos duvidando daquela lembrança e mesmo aqui, enquanto conto publicamente pela primeira vez, tem uma pequena parte que

segue duvidando de mim mesma.// Ser vítima de violência sexual é se questionar constantemente.//

LOC - Será que eu tinha feito algo errado?// Eu deveria ter sentado com as pernas mais fechadas? // Usado mais roupas?// Coberto mais meu corpo?// Será que a culpa é do meu corpo de cinco anos?// Talvez eu realmente não deveria ter ido naquela piscina.// Tanta coisa já passou pela minha cabeça.//

LOC - Também fiquei com medo, medo de duvidarem de mim como duvidaram da esposa que denunciou ele.//

LOC - Tive vergonha./// Vergonha de não ter contado antes.// Vergonha de mim mesma, por depois de ser violada ainda ter continuado vivendo como se nada tivesse acontecido.// Eu até tentei até minimizar de todas as formas.// Não foi nada demais.// Eu nem lembro mesmo.//

LOC - Mas a culpa provavelmente foi o que mais me perseguiu.// Eu pensava muito nas minhas amigas de infância.// O que aquelas duas meninas devem ter passado em todos os dias quando eu fugia pra casa, mas elas não tinham pra onde ir.// Talvez se eu tivesse falado algo...// Era como se a responsabilidade de tudo fosse minha, outra criança que não fazia a menor ideia de como agir.//

LOC - E acima de todos esses sentimentos, no meio do turbilhão, a verdade é que depois de alguns anos o principal motivo que me impedia de contar, é que eu não queria machucar os meus pais.// Mulher desde sempre carrega esse peso de responsabilidade, né?// Seja boazinha, se comporte, não dê trabalho, cuide dos outros.// Não incomode.//

LOC - Eu não queria incomodar meus pais.// Não queria de alguma forma tornar a vida deles mais difícil.// Então, fiquei quieta.//

LOC - Talvez você ao longo desses episódios ou em algum outro momento da vida já questionou o motivo de alguém não ter contado.// Eu sei que eu me perguntei muito isso.// Tenho o privilégio de ter pais companheiros, inclusive uma figura paterna maravilhosa que sempre me apoia em tudo.// Algo que, infelizmente, a maioria dos brasileiros não tem.// Racionalmente eu até acho que sabia que podia contar com eles.// Mas não tem nada de racional no que acontece na cabeça de alguém nesse momento.// Ainda mais quando você é uma criança.//

TEC - Roda trilha e vai a BG depois de 5 segundos

LOC - Tudo que contei é um pouco da minha história.// Do primeiro estupro que passei e como me senti.// Mas podia muito bem ser a de inúmeras outras vítimas como eu.//

LOC - O impacto de conviver com isso é tão forte que mais da metade das vítimas de estupro, com ou sem penetração, desenvolvem transtorno de estresse pós-traumático, o Tept.// Esses resultados aparecem em uma pesquisa realizada na Universidade Federal de São Paulo e publicada em 2022 na Revista Pesquisa FAPESP.//

LOC - O trauma do estupro chega a gerar um tipo de Tept com características diferentes.// Uma delas é a depressão como parte do transtorno e não como uma segunda doença.// Apontam ainda que o trauma de passar por um estupro parece ser tão impactante quanto o vivido por quem esteve em uma trincheira.//

LOC - O trabalho desenvolvido pela universidade encontrou também uma grande concentração de moléculas causadoras de inflamação no sangue das vítimas.// E isso um ano depois do crime.// O que isso significa?// Bom, é um sinal de que o sistema imune das vítimas muda após a agressão e que o trauma sexual pode ter efeitos permanentes na saúde física e mental.//

LOC - Você pode até pensar “ah mas toda violência gera traumas” e é verdade.// Mas a porcentagem de pessoas que desenvolvem TEPT depois de um estupro é geralmente maior do que quem sofreu outros tipos de trauma.// Para fazer uma comparação, em 2007 e 2008 foi realizada uma pesquisa em São Paulo e no Rio de Janeiro liderada pela Fundação Oswaldo Cruz.// Com isso descobriram que, entre quem sofreu outros tipos de trauma, a média dos que desenvolveram TEPT foi de onze por cento.// Entre as vítimas de estupro, esse número vai para quarenta e quatro por cento.// E no caso das crianças, quarenta e nove por cento.//

LOC - A Giovana, que você conheceu no último episódio, descobriu recentemente que tem exatamente esse tipo de transtorno decorrente da violência sexual na infância.//

TEC - Roda sonora

[17:31 - Pô, nossa, acho que eu convivo com uma depressão tenebrosa desde os meus 11 anos. E eu ignorei isso até É. Os 21. Daí ano passado eu tipo Acho que não é normal. Realmente acho que não é normal. Daí anos depois fui no psiquiatra e descobri que na verdade o que eu tenho é um transtorno de estresse pós-traumático, que eu não tratei, e daí eu tenho sintomas exacerbados de uma depressão e uma ansiedade. Mas é tudo por causa de um transtorno de estresse pós-traumático.]

LOC - Como já comentei, a Giovana tinha 11 anos quando começou a ser abusada por um professor da escola.// No início, eram elogios e brincadeiras nas quais sempre acaba passando a mão nela.// Um dia ele pediu para que ficasse depois da aula para conferir uma tarefa.//

TEC - Roda sonora

[2:47 - Eu fiquei, e eu novinha, ele esperou todo mundo sair, fechar a porta, ai ele começou a me alisar, começou a me beijar e tal, não sei o quê. Daí ele só você não pode contar isso para ninguém. Ai isso sucedeu e, juro, nas outras, tipo, daí para frente, só para baixo, todas as aulas que a gente tinha assim, ele dizia: "Ai, vamos sentar em rodinha aqui para fazer uma brincadeira". Daí ele sentava do meu lado e tinha mesa assim e ele ficava passando a mão na minha perna, por baixo da mesa, não sei o quê. E tipo, todas as crianças em volta assim, só que ele dava aula sozinho, né, daí ninguém via.]

LOC - Se você ouviu os últimos dois episódios, nem preciso falar que pela idade da Giovana, esse abuso é na verdade um estupro.// Em casos envolvendo crianças, como já vimos aqui, é comum que não haja penetração para evitar vestígios.// Cristana Weber, psicológica da Polícia Civil de Joinville e idealizadora do projeto Proteja uma Criança, explica que a violência sexual infantil começa na manipulação.//

TEC - Roda sonora

[9:50 - Eles vão testando os limites da criança e isso vai fazendo com que a criança naturalize esses contatos até chegar em contato, atos mais claramente abusivos. mas como nem sempre tem penetração, geralmente esses atos eles geram prazer, né, prazer físico. E daí, o que acontece? jogam com a culpa da criança, né? E eles manipulam essa realidade, dizendo: "Ah, tá vendo? É gostoso, você também quis, é bom, você curtiu, você também é responsável por isso". Então eles conseguem a o silêncio da criança através dessa

manipulação da realidade dela e às vezes através de ameaças mais sutis ou mais claras assim, né?]

LOC - O professor da Giovana a silenciava falando que se ela contasse pra alguém, isso iria acabar com a vida dele.// Sabe o que eu falei sobre meninas serem criadas com o peso da responsabilidade do mundo? Então.//

TEC - Roda sonora

[10:05 - É, e ele falava, tipo, não podia contar para ninguém, que era segredo e tal. Isso é super característico de abuso com uma criança, né? Que era segredo, que não podia contar para ninguém, que ninguém podia saber, mas que era especial e que se eu falasse para alguém ia estragar a vida dele, ninguém podia saber se não realmente eu ia estragar a vida dele e tal. Daí, fiquei nessa...então tá bom, não vou estragar a sua vida.]

LOC - A Giovana se sentia tão ansiosa e confusa sobre a situação que no começo tentou faltar às aulas.// Mas a situação se prolongou por meses e sem saber o que fazer, buscou apoio com um amigo.//

TEC - Roda sonora

[4:14 - Eu tinha um amigão assim na minha vida que eu uma vez cheguei e contei para ele, tipo aconteceu uma coisa. E daí eu contei e eu não sabia, né? O que as pessoas iam achar. Daí ele falou: "Nossa, que nojo". E ele nunca mais falou comigo. Ai eu ah, tá ótimo, então talvez é melhor eu não falar isso para ninguém]

LOC - Em casa, o medo a impediu de contar o que estava acontecendo.// Principalmente porque achava que os pais iam brigar com ela.//

TEC - Roda sonora

[14:25 - Meu pai sempre foi bem bravo assim, de duas uma, ou meu pai me mata ou meu pai mata ele. E as duas vai ser bem ruim. Meu pai nossa, meu pai é uma pessoa difícil, bem difícil assim. Ai eu ficava putz não vai dar certo contar isso pra ele. E a minha mãe, eu nunca tive uma relação muito aberta com ela também.]

LOC - O medo dos pais brigarem é muito comum entre as crianças.// É inclusive usado como uma forma de ameaça por parte dos agressores falando: “se você contar pra sua mãe ou pro seu pai, eles vão te bater”.// No caso da Giovana, a falta de disponibilidade dos pais prejudica muito que a criança se sinta confortável para relatar um abuso.// Como explica a psicóloga Cristina Weber.//

TEC - Roda sonora

[20:14 - *se você não conversar a respeito de situações normais com a criança, ela não vai ter coragem de vir e conversar com você a respeito de uma situação tão grave, né? Que geralmente ela foi ameaçada, que ela tem a questão da culpa que ela sente, da vergonha, né? Então, tem que ter esse estímulo ao diálogo e daí os pais têm que ter esse papel mesmo de ir atrás e buscar ter essa relação de, de qualidade, né?]*

LOC - Além da conhecida tríade de sentimentos que silenciam as vítimas — culpa, vergonha e medo —, quero adicionar mais um fator.// Pra quem, assim como eu e a Giovana, sofreu um estupro sem penetração, há também a tendência de minimizar o que aconteceu.//Igual eu falei lá no começo.//

TEC - Roda sonora

[13:30 - *É muito comum a gente atender casos em que dizem: “Não, mas não foi comprovado, eu levei para fazer exame de corpo de delito e não deu nada, ela continua virgem, continua intacta.” É importante que as pessoas tenham consciência de que não precisa necessariamente haver lesão para que o ato seja configurado como estupro. É importante que procurem ajuda, façam o registro corretamente e deem os encaminhamentos necessários, porque, independente de haver lesão ou não, o impacto emocional para a criança é muito grande.]*

LOC - O impacto emocional é realmente gigante.// Independente do tipo de violência sexual.// E mesmo assim toda vítima com que conversei, eu inclusa nisso, pode se identificar com essa fala aqui da Giovana://

TEC - Roda sonora

[12:33 - *Cara, graças a Deus, assim, né, não que seja uma coisa boa, mas ainda bem que ele, não sei se por falta de oportunidade assim, mas não teve uma violência sexual assim,*

tipo, com penetração...Ele me beijava, passava a mão em mim e me jogava na parede sabe, mas era só isso]

LOC - Mas esse só isso doeu.// Doeu na alma, doeu em quem somos.// Doeu naquela criança e ainda dói na mulher adulta.// Ainda assim, sempre vai existir o alívio.// Mesmo que “só isso” tenha destruído um pedaço da gente.//

TEC - Roda a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

TEC - Roda compilado de sonoras das mulheres

Silencia a trilha

LOC - As vozes que você acabou de ouvir são de outras mulheres com quem conversei para produzir esses episódios.// Todas têm idades diferentes, dos vinte e um aos quarenta e três.// São de estados diferentes, têm histórias diferentes.// Algumas consideram que já superaram o estupro e conseguiram seguir em frente.// Outras, ainda se sentem presas nesses sentimentos.// Todas de alguma forma mudaram permanentemente por causa disso.//

LOC - Lembra da Luiza? contei a história dela no primeiro episódio.// Ela foi estuprada no México com dezenove anos.// Hoje tem trinta e cinco, seguiu sua vida e fala sem problemas sobre o assunto.// Mas ainda não lida bem com toques de outras pessoas e teve diversos problemas nos seus relacionamentos.//

TEC - Roda sonora

[1:18:21 - ~~Hoje já tenho mais maturidade, mas teve coisa,~~ mas teve muitas situações do sexo mesmo, eu namorei algumas vezes depois que era forte, assim, eu tive algumas crises de choro, mas tudo que era brincadeira assim de de então não sei, né, com a sua intimidade, mas você está com seu companheiro, ou um ficante, ou namorado. E existe aquele sexo que vem de madrugada, existe aquilo, sabe?. ---Então eu não gosto muito que me toquem e já percebi aqueles amigos que ficam conversando com a gente, tocando na gente, sabe? Eu não gosto muito, não gosto que me chegam por trás de mim, não gosto de coisas de surpresa, assim, sabe? E até fico assustada e hoje já consegui fazer todo um trabalho assim assim com pessoas na rua, mas também foi difícil andar de ônibus, andar na rua, sabe? Ter alguém me seguindo.]

LOC - E a Roberta? Também do primeiro episódio.// Estuprada pelo padrasto dos doze aos quinze anos depois de ser vista dando um selinho em uma menina.// Está na faixa dos trinta

anos e atualmente é psicóloga especializada nesse tipo de trauma.// Por anos, culpou a própria sexualidade pelo que aconteceu e teve dificuldade em conseguir se relacionar.// Mas mesmo agora casada, sofre com isso.//

TEC - Roda sonora

[15:11 - Mas a questão da sexualidade é uma coisa que interfere até hoje, não na questão de ser homossexual, mas se a gente estiver falando de sexo, por exemplo, eu sou uma pessoa extremamente travada sexualmente falando. Tem uma dificuldade enorme. Mesmo a pessoa que escolhi para dividir a vida comigo sabe que tudo tem que ser muito devagar, com muito cuidado. Dependendo do momento, pode não estar acontecendo nada, e eu simplesmente fico muito na defensiva, fechando completamente. Não consigo ter proximidade, não consigo ter intimidade. É muito difícil.]

LOC - Ainda no primeiro episódio, a Verônica que foi estuprada pelo irmão desde os três ou quatro anos até uns onze.// Hoje, com quarenta anos, trabalha com um projeto voltado a prevenção do abuso sexual infantil.// Na infância e adolescência desenvolveu masturbação compulsiva, uma consequência recorrente em crianças nessa situação. // Essa é até uma forma da vítima tentar recuperar uma sensação de controle sobre seu próprio corpo.// Ao longo da vida adulta, a Verônica percebeu como sua própria noção de consentimento ficou bagunçada.//

TEC - Roda sonora

[25: 32 - Então eu não eu não tinha eu não compreendi o valor, né, da da da minha sexualidade, da minha intimidade e isso é, me levou, né, para muitos relacionamentos em que eu me senti usada, né? Que eu me senti eh assim, eu acho que a a melhor palavra eu acho que é isso, né? Eu acho que é é é usada mesmo, né? Porque era muito difícil para mim dizer não.]

LOC - Também carrega até hoje as marcas daquilo que fizeram com ela.// Problemas de autoestima, ansiedade extrema e atrasos no desenvolvimento são só alguns dos impactos que ficaram.//

TEC - Roda sonora

[30:21 - *Esse estado de alerta que eu que eu sempre vivia, é, isso atrapalhava o meu sono, eu tinha muitos pesadelos, eu não conseguia me concentrar naquilo que eu estava fazendo, então isso me gerou muitas muitas perdas, né? É assim, no sentido intelectual mesmo, de desenvolvimento, justamente porque eu vivia num estado de alerta. Então tanto é que, assim, agora pouco tempo que eu, é, coisa de 2 anos que eu realmente fui tratar transtorno de ansiedade que eu sempre tive.]*

LOC - Para a Giovana, além do transtorno de estresse pós-traumático, depressão e ansiedade, existe a hipervigilância e o medo constante.//

TEC - Roda sonora

[48:25 - *Nossa, tem um tem um medo, um medo assim, nem só o relacionamento, na vida tem um medo de homem, tenho medo, medo, medo, medo, tenho uma raiva de não ter prova das coisas. Ai eu tipo, vou fazer uma consulta, eu gravo. Fico: "Não, eu vou ter, eu vou ter prova dessa vez". Não gosto de ficar sozinha com o homem, tenho um pavor, um pavor, um pavor, um pavor. Se eu não conheço assim, não gosto. Passa o homem do meu lado, eu já tô assim para ver se vai fazer alguma coisa. Tu fica super vigilante, né?]*

LOC - Como a Verônica, esse estado de alerta também gerou dificuldade para dormir desde a adolescência, com pesadelos constantes.//

TEC - Roda sonora

[21:13 - *Eu sempre tinha um sonho que eu estava em diferentes situações, assim, não era nenhuma pessoa específica. Tipo, sei lá, o que eu lembro é eu saindo caminhando na minha rua, de noite, eu passando ali no córrego, tinha um cara numa escada, daí eu não sei o que eu fui fazer, quando eu tava voltando estava só a escada sem o cara, ai eu pensei: "Putá merda". Eu só sabia que tipo, ele estava lá, daí quando eu virei de costas, ele pegou e me agarrou e me levou e eu só acordei eu tava tipo em desespero, 3 horas da manhã assim, nossa, gritando ou me debatendo.]*

LOC - Comigo não foi diferente.// Me vejo em um pouco de cada história.// Depois desse estupro na infância, vivi outros dois antes de completar dezesseis anos.// Um deles com uma pessoa de extrema confiança.// Outro com alguém que estava começando a me relacionar.// Nunca mais consegui me sentir totalmente confortável perto de outro homem.//

LOC - A situação era tão difícil que quando iniciei um relacionamento não conseguia fazer sexo porque toda vez eu chorava antes de começar qualquer coisa.// Além disso, por causa da depressão, ansiedade e o problema com raiva que desenvolvi pelas violências, levei muito tempo de terapia para conseguir ter um namoro saudável. // O engraçado é que eu não sabia que tinha ficado traumatizada até esse momento//

LOC - E os traumas não ficaram no passado.// Quando me mudei para Florianópolis aos dezoito anos e fui morar sozinha, voltava correndo pra casa antes de escurecer porque até hoje tenho pavor de andar na rua.// E também não me sinto segura dentro de casas.// Se durmo na casa de outra pessoa e tem homens lá, mesmo que eu conheça eles, vou ficar a noite toda preocupada pensando e “se alguém tentar entrar no meu quarto”.// Até pouco tempo atrás tomei um susto quando meu namorado me surpreendeu por trás e chorei desesperadamente por causa disso.//

LOC - E por que eu tô aqui, te contando tudo isso sobre a minha vida e de todas essas mulheres?// Exatamente para tentar mostrar um pedacinho de como isso machuca pra sempre.// Como o estupro vai muito além da violência física.// Não é sobre sexo, não é só sobre a agressão, é sobre todas essas meninas e mulheres que nunca mais vão poder se sentir as mesmas.// E para que, como falei no início do episódio, você saiba que não está sozinha com esses sentimentos.//

TEC - Roda a trilha e vai a BG depois de 5 segundos

Silencia trilha

LOC - Quando o estupro acontece na infância, a própria formação daquela menina como pessoa muda a partir daquilo.// Estamos falando de alguém que antes de entender o mundo, já sabe que foi violada.// A psicóloga Aline Yohana é fundadora de um instituto voltado para o acolhimento de mulheres e comenta como os impactos psicológicos mudam de acordo com a idade em que se sofre o trauma.//

TEC - Roda sonora

[15:45 - *Alguém que sofre uma violência na idade adulta, ela já tem outras referências de relação, de relacionamentos, né? Então, vamos supor que a primeira vez que ela passe por uma situação de violência, seja na vida adulta, ela já tem outros recursos que ela desenvolveu para além, né, disso. Então, tem um evento traumático, mas ela conhece a vida de um jeito que não seja necessariamente por essas lentes, ainda que isso mude muito, né,*

a forma como ela vai enxergar o mundo, as pessoas e tudo mais. Mas quando isso acontece na infância, quase que as próximas relações dela vão sendo mediadas por esse olhar de mundo. Como o lugar ou perigoso, pouco acolhedor, é, o que de vulnerabilidade, em que facilmente ela fica exposta, sensação de perigo, né?]

LOC - E obviamente os impactos não são apenas psicológicos.// Para aqueles acompanhados de agressões físicas então, as consequências são ainda mais brutais.// A professora Elaine Forte do departamento de pós-graduação em Enfermagem atua também na emergência do Celso Ramos, hospital público de Florianópolis, e detalha que os casos de estupro geralmente são tratados como politraumas.// Ou seja, é uma violência que vem acompanhada com mais de um órgão ou estrutura machucada.// Agora ela vai narrar isso em detalhes, então cuidado porque pode ser sensível pra você.//

TEC - Roda sonora

[13:11 - O que a gente vê são muitos casos de sífilis, clamídia, infecções vaginais, prolapso do colo do útero, a gente vê prolapso cervical ali na vagina, várias escoriações, a violência de estupro, né? O caso de estupro sempre está associado com outros tipos de violência física, então, às vezes, ela vem sem dentes, com ossos fraturados no rosto, no braço, às vezes vem sem cabelo, com algumas partes do couro cabeludo arrancadas, porque envolve outros tipos de violência.]

LOC - O prolapso citado por Elaine é quando o útero cai para fora do corpo pela intensidade da violência.// A maioria das vítimas de estupro chegam tão traumatizadas na emergência que não conseguem nem se expressar.// Alguns casos são encaminhados diretamente para a UTI.//

TEC - Roda sonora

[27:30 - Então assim, são traumas muito grandes físicos que eu não consigo nem imaginar o que vem depois, né, do psicológico e tudo mais. Então, se isso é o físico já foi enorme, imagina o psicológico. E esse é aquele momento que a gente escuta assim: "Eu preferia ter morrido".]

LOC - Desde a implantação da lei 12.845 em 2013, conhecida como Lei do Minuto Seguinte, qualquer pessoa vítima de violência sexual pode ter acesso a todo tratamento necessário no

SUS sem precisar fazer boletim de ocorrência ou ir a delegacia antes.// Confira uma das peças de divulgação da lei produzida na época.//

TEC - Roda propaganda lei do minuto seguinte

LOC - O fluxo de saúde para vítimas de violência sexual começa na Profilaxia Pré ou Pós-Exposição, conhecida como PREP.// O processo consiste em tomar um anticoncepcional de emergência, conhecido como pílula do dia seguinte e as medicações para prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.//

LOC - Até doze horas depois da violência, a pílula consegue prevenir uma gravidez em noventa e nove por cento dos casos.// Depois desse período, a eficácia cai.// O tempo também é essencial na prevenção do HIV.// Para que a PREP tenha efeito, a medicação precisa ser iniciada o mais rápido possível, e no máximo até setenta e duas horas após o ocorrido.// O tratamento dura vinte e oito dias, com três comprimidos depois do café da manhã e três depois do jantar.// Os efeitos colaterais incluem náuseas, vômito e dor de estômago.//

LOC - Santa Catarina, assim como todos os estados do Brasil, deve seguir os protocolos de saúde estabelecidos.// Além dos tratamentos de emergência, está definido na lei o amparo psicológico e social imediato.// Incluindo o acompanhamento posterior e terapia.//

LOC - Como você deve ter percebido, esse acompanhamento é essencial considerando o estado mental que as vítimas ficam após sofrer um estupro.// Mas a Elaine explica que, apesar da lei, a realidade não funciona tão bem.//

TEC - Roda sonora

[17:02 - *Essa mulher devia sair do hospital com uma espécie de ficha de todo o atendimento e ir direto para o posto de saúde, que encaminharia tudo para ela com especialistas. Ela começaria o acompanhamento lá e seria acompanhada de fato. Segurança pública, assistência social, o tempo todo junto. Mas, na prática, isso não acontece. Conseguimos dar o suporte hospitalar, mas o resto fica muito difícil... O sistema falha muito nisso ainda.]*

LOC - Por exemplo, em Itajaí, município catarinense localizado no litoral norte, o atendimento no sistema público de saúde não inclui o encaminhamento automático para tratamento psicológico.// Apesar que esteja garantido na Lei do Minuto Seguinte.//

LOC - A responsável pelo setor de saúde mental da secretária municipal de Itajaí, Adrieli Corrêa, detalha que esse processo depende mais da solicitação da paciente.// Os critérios que os profissionais da cidade usam para saber quais vítimas de estupro tem necessidade de terapia e quais não tem, não são claros.//

TEC - Roda sonora

[3:42 - *Não são todas que são encaminhadas, né? Então assim, se não é identificado pelo profissional de saúde essa necessidade ou identificado pela própria vítima, a solicitação para ir para atendimento psicológico não é o fluxo.]*

LOC - Itajaí foi um dos três municípios catarinenses incluídas na lista das cinquenta cidades brasileiras com mais casos de estupro por cem mil habitantes em 2023.// Chapecó, no extremo oeste, teve a maior taxa do estado, ocupando o décimo segundo lugar no ranking nacional.// Camboriú e Itajaí, ambas no litoral, apareceram nas décima nona e trigésima posições, respectivamente.// Em 2024, Itajaí saiu da lista, mas as outras duas cidades permaneceram.//

LOC - É bom reforçar que o anuário não inclui cidades com menos de cem mil habitantes nas listas e apenas quatorze municípios do estado possuem essa quantidade populacional.// E como falei sobre no último episódio, isso significa que mais de noventa e cinco por cento dos municípios catarinenses não entram na conta.//

LOC - Com certeza, Itajaí não é o único exemplo de como, apesar das leis existirem, não significa que funcionem.// A professora de enfermagem Elaine Forte relaciona essa inoperância à falta de políticas públicas de Estado.// Seria necessário orientações padronizadas para que todos os profissionais de saúde falassem a mesma língua.// Segundo ela, as políticas de saúde têm tentado evoluir de alguma forma, mas dependendo do governo, isso muda.//

TEC - Roda sonora

[2:15 - *Então essa eu acho que é o maior gargalo da violência sexual aqui no Brasil, vamos dizer assim, mas a região sul tem me incomodado um pouco mais, não só porque eu sou dessa região, né? Os nossos estudos estão aqui. Mas porque a região Sul tem uma, uma história de machismo, de religiosidade, de políticas mais extremistas, de fanatismo e isso contribui drasticamente para violência, principalmente contra a mulher.]*

LOC - Para além do que foi apontado, dependendo do caso é claro que pode existir outras necessidades de tratamentos.// E exatamente por isso é essencial passar pelo sistema de saúde.// Uma pesquisa feita pelo Instituto Patrícia Galvão aponta que quinze por cento das brasileiras afirmam ter sido estupradas.// Considerando a população feminina no país, são doze vírgula nove milhões de mulheres.// A maioria delas não contou para ninguém nem procurou o sistema da saúde.//

LOC - Para Elaine, falta educar as pessoas, principalmente mulheres, sobre a própria legislação e a necessidade de buscar o serviço de saúde.//

TEC - Roda sonora

[24:24 - *Então, uma pessoa que é estuprada hoje e só faz o BO na polícia, sem acompanhamento de saúde, daqui a 6 meses pode ter um diagnóstico de HIV. Daqui a 4 meses pode ter sífilis ou alguma hepatite. Ela pode ter algum problema de colo de útero, algum câncer de colo de útero por causa de HPV. Então, precisa ser acompanhada, mas isso não acontece. Nós não educamos a população para isso. Não adianta só fazer o BO. Você tem que ir para a saúde.]*

LOC - Quando uma vítima não vai ao sistema de saúde, as chances de gravidez também aumentam.// Segundo os resultados do Instituto Patrícia Galvão, vinte e dois por cento da população brasileira conhece uma vítima que engravidou após um estupro.// São aproximadamente quarenta e sete milhões de pessoas.// Mas apenas vinte e sete por cento conhecem todos os direitos garantidos por lei no Brasil para vítimas de estupro.// Inclusive, só quatro em cada dez brasileiros sabe que não precisa de boletim de ocorrência para interromper uma gravidez resultante de estupro pelo SUS.//

LOC - E existe outra questão.// Saber que a lei existe, não significa nem que ela funciona, como já falei aqui, nem que você vai conseguir acessá-la.// Muito menos com facilidade.// A historiadora Manuela Veras especialista em direitos reprodutivas explica que no caso da violência sexual, é mais difícil ainda garantir esse acesso.//

TEC - Roda sonora

[17:09 - *A lei não chega para todo mundo. Ela chega a uma porcentagem bem pequena de pessoas assim, e não só o conhecimento da legislação, mas conseguir acessar, conseguir ter seu direito garantido. Porque a violência em geral, mas a violência sexual especificamente, é muito delicada. Então, quando a gente tem uma criança falando, uma adolescente falando, uma pessoa que enfrenta alguma vulnerabilidade falando — até vulnerabilidade econômica, que também é um fator importante quando a gente olha para os dados — normalmente ela é descredibilizada. Não acreditam nela, enfim. E aí a falta de um, por exemplo, de acesso econômico dificulta o acesso a um advogado, a falta de acesso à educação dificulta o conhecimento sobre a lei.]*

LOC - As dificuldades de buscar estrutura no estado após a violência não estão apenas no sistema da saúde. // A coordenadora do Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulheres da defensoria pública do estado, Anne Teive Auras, complementa que Santa Catarina não tem nenhum organismo de políticas públicas focado apenas em mulheres.//

TEC - Roda sonora

[37:35 - *Não há uma secretaria específica para isso. Nossa secretaria de assistência social, mulher, família e tal, enfim, não cobre isso de forma específica. A gente tem a própria questão das DPCAMs, né? As DPCAMs que hoje, parece que a Polícia Civil, né, tem um plano para criar as delegacias da mulher mesmo, que é coisa que não existe em Santa Catarina, apesar de estar previsto na lei, né?]*

LOC - A DPCAMI citada pela defensora são as Delegacias de Proteção à Criança ao Adolescente, à Mulher e ao Idoso.// Existem apenas 32 no estado inteiro.//

TEC - Roda sonora

[45:25" - *E, assim, se envolve criança e adolescente, a prioridade sempre é criança e adolescente, por disposição legal — tem que ser, né? O ECA fala que criança e adolescente é prioridade absoluta. Então, na DPCAM, que a gente fala que é a delegacia da mulher, a mulher não é a prioridade. A prioridade é criança e adolescente. Então, assim, não tem uma delegacia onde a mulher seja prioridade, porque não tem delegacia da mulher. ...A gente vê*

que, muitas vezes, os inquéritos são demorados. Então, a gente vê assim uma certa frustração por parte das vítimas de não ter uma resposta.]

LOC - Os serviços especializados para mulheres em situação de violência em Santa Catarina existem graças à Lei Maria da Penha, que obriga sua implementação em todo o país.// Apesar de representarem um avanço importante, eles se concentram nas violências domésticas e familiares.// O Observatório de Violência contra a Mulher, por exemplo, reúne dados apenas desse tipo.// Atualmente, não há nenhuma lei que obrigue a criação de estruturas específicas para vítimas de violência sexual e, por isso, esses serviços não existem.//

TEC - Roda sonora

[27:18 - Mas, de fato, não há uma determinação ou obrigação legal de haver um serviço de referência especializado para vítima de violência sexual, né? Um município poderia criar se quisesse, mas não me parece que haja uma previsão legal, digamos assim.]

LOC - Como a professora Elaine falou, o atendimento emergencial está ali.// Apesar de nem sempre funcionar.// Mas e depois? Qual estrutura vai acolher essa vítima?// Se com todo o amparo legal da Lei Maria da Penha as mulheres que buscam os serviços se sentem frustrada, como exemplifica a Vanessa:

TEC - Roda sonora

[22:15 - Então, olha, para ser bem honesta, depois que tive que pedir medida protetiva e precisar da ajuda da delegacia e da justiça, me questionei o que era pior: passar por um sociopata ou depender da justiça.]

LOC - E nos casos de violência sexual que quase não existe essa preocupação pensando no acolhimento das vítimas após o crime?

TEC - Sobe a trilha e troca depois de 15 segundos

_____ Roda em BG

LOC - Antes de terminar esse episódio, quero falar diretamente com você mulher que tá me escutando aí.// Tenho certeza que em algum momento da sua vida você já sofreu algum tipo

de violência sexual.// Assédio, importunação, estupro...não sei.// Mas sei que machucou.// Talvez ainda machuque.//

LOC - Espero que alguém já tenha te dito isso, mas se não disse, então acredita em mim: a culpa que você carrega não é a sua.// Não foi você que errou.// Não tenha vergonha de ti ou da tua história, porque quem deveria carregar essa vergonha são eles.// Não a gente.// Então não carrega.//

LOC - Eu poderia falar muito mais, mas quero encerrar dessa vez com a voz da Roberta que me disse exatamente tudo que eu gostaria de te dizer.//

TEC - Roda sonora

[26:34 - *Tem uma frase que eu uso para tudo na vida, que hoje eu defino como a principal, que é você não é o que fizeram de você. Basicamente isso, assim, a gente passa por uma situação de uma violência muito grande e em algum momento a gente acredita que nós somos essa pessoa ruim que as pessoas falam ou que a gente passou por isso porque a gente mereceu e não é verdade. Não é verdade. As coisas acontecem porque existem pessoas ruins no mundo e não é você. E infelizmente, às vezes a gente é atravessado por essas questões, mas existe existem formas de sobreviver a isso. Melhor que isso, existem formas da gente viver depois de sobreviver a grandes traumas complexos como esse. A gente não pode desistir, porque existe uma vida aí. A gente tem que tentar viver ela mesmo que seja um dia de cada vez, que vale a pena.]*

TEC - Sobe a trilha

Vinheta de encerramento

LOC - Diversas vezes deixei claro, ao longo dos episódios, que, apesar do estupro mudar quem somos, ainda existe uma vida.// Como a Roberta falou.// Mas, infelizmente, esses não são todos os casos.// Algumas não tiveram a oportunidade de um amanhã.// Este trabalho também é uma homenagem a todas elas.//

LOC - Como a Catarina Kasten, estudante do centro de comunicação e expressão da UFSC, o mesmo que o meu, que foi assassinada enquanto eu estava finalizando este trabalho.// A Catarina foi estuprada e morta em uma praia no mesmo dia em que eu estava lá.// Ela foi atacada indo para uma aula de natação, algumas horas antes de eu passar pela

mesma trilha que ela fez.// Como Mulamba canta, toda mulher sai de casa rezando para que não seja o seu dia. Poderia ser com qualquer uma de nós.//

LOC - Meus profundos sentimentos à família e aos amigos da Catarina.// Dedico esse episódio à memória dela. // Espero que, algum dia, a gente não precise mais chorar por ver uma igual morrer dessa forma. // E que nenhuma outra menina ou mulher precise sair de casa com medo.// Não quero mais rezar para que não seja meu dia; quero rezar para que todas nós tenhamos o direito de sermos, para sempre, inteiramente, nós mesmas.//

TEC - Sobe a trilha

Vinheta de encerramento

LOC - Essa reportagem em áudio é um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.// Os episódios foram gravados nos estúdios do Laboratório de Áudio e Radiojornalismo do Departamento de Jornalismo da UFSC.// Participaram deste episódio: as atrizes Clara Maia como Verônica, Maria Antônia Gomez como Giovana e Flávia Dreier como Vanessa.//

LOC - As músicas utilizadas são de bancos gratuitos de áudio e da banda Mulamba, cedidas pelas próprias artistas para utilização neste trabalho.// Peça de campanha da Lei do Minuto Seguinte retirada do site do Ministério Público Federal.//

LOC - Agradecimentos especiais para Raphaela Ferro, Yohan Silva, Sofia Leal, Maria Fernanda Honório, Pedro Guerrazzi, Marcelo Pedrozo e Victor Lebarbenchon.// Produção, roteirização, locução e edição por Danielly Alves.// Técnica de Roque Bezerra.// Orientação da Professora Isabel Colucci.// Florianópolis, dezembro de 2025.//

ANEXO

ANEXO A – FICHA DE TCC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
COORDENADORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2025.2	
ESTUDANTE	Danielly Cardoso Alves	
TÍTULO	Em silêncio: sobre uma cultura que estupra	
ORIENTADORA	Profa. Isabel Colucci	
MODALIDADE		Prática de pesquisa
		Prática de projetos comunicacionais e jornalísticos
	X	Prática editorial jornalística
FORMATO DE PRÁTICA EDITORIAL JORNALÍSTICA		Impresso (grande reportagem/livro/revista/jornal)
	X	Áudio/Rádio
		Vídeo/ TV
		Foto
		Multimídia
Local de apuração		Florianópolis
	X	Santa Catarina
		Brasil/outros estados/cidades: _____
		Internacional / País: _____
PRODUTO JORNALÍSTICO INTEIRO	Sim [X] Não []	
	Caso tenha solicitado suporte técnico e/ou contratado serviços profissionais para qualquer etapa/parte do trabalho, liste aqui e detalhe no relatório.	

RESUMO

O Brasil registrou 83.988 vítimas de estupro e estupro de vulnerável em 2023, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Isso representa em média um estupro a cada seis minutos, um novo recorde no país. Mas o problema vai além do registro, de acordo com o IPEA (2023), o país registra cerca de 822 mil estupros por ano. Porém, apenas 8,5% chegam à polícia e só 4,2% são detectados pelo sistema de saúde. Em Santa Catarina, três cidades do estado entram na lista das 50 cidades do Brasil com mais casos de estupros a cada 100 mil habitantes: Chapecó, Camboriú e Itajaí. Considerando essa realidade, o principal objetivo deste trabalho é produzir uma grande reportagem em áudio (Ferraretto, 2014) dividida em três episódios que investiga o cenário da violência sexual no Brasil e em Santa Catarina. A apuração se baseia em vivências de vítimas, na análise de dados sobre crimes sexuais e em entrevistas com especialistas em violência de gênero.

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**

Eu, Danielly Cardoso Alves, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 22104347, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Em silêncio: sobre uma cultura que estupra” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 03 de dezembro de 2025

Danielly Cardoso Alves

125.432.309-04